



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

GABRIEL ELERES DE AQUINO

A AMIZADE NAS *CARTAS A LUCÍLIO* DE SÊNECA

FORTALEZA

2016

GABRIEL ELERES DE AQUINO

A AMIZADE NAS *CARTAS A LUCÍLIO* DE SÊNECA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia (Área de Concentração: Ética e Filosofia Política)

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida

Fortaleza

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A669a Aquino, Gabriel Eleres de.

A Amizade nas Cartas a Lucílio de Sêneca / Gabriel Eleres de Aquino. – 2016.
81 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

1. Sêneca. 2. Amizade. 3. Cartas a Lucílio. I. Título.

CDD 100

GABRIEL ELERES DE AQUINO

A AMIZADE NAS *CARTAS A LUCÍLIO* DE SÊNECA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia (Área de Concentração: Ética e Filosofia Política)

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ursula Anne Matthias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Átila Amaral Brillhante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Francisca Galileia Pereira da Silva
Faculdade Católica de Fortaleza (FCF)

A Deus.

Aos meus pais, irmãs e sobrinhos

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro possibilitando a realização da pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida, por ter sido muito mais que um orientador e acreditar em mim em momentos difíceis.

Aos meus professores da Filosofia da Universidade Federal do Ceará: Custódio Luís Silva de Almeida, Emanuel Ricardo Germano Nunes, Guido Imaguire, Joana Darc Mesquita Borges (*in memoriam*), Dilmar Santos de Miranda, Eduardo Ferreira Chagas, Konrad Christoph Utz, Átila Amaral Brilhante, André Leclerc, Kleber Carneiro Amora, Fernando Ribeiro de Moraes Barros, Hugo Filgueiras de Araújo, Maria Aparecida de Paiva Montenegro, Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sald, Odílio Alves Aguiar e Ada Beatriz Gallicchio Kroef.

Aos meus professores de Latim: Lia Santiago, Natália Vasconcelos, Fábio Damasceno e Josenir Alcantara de Oliveira.

Aos meus colegas da Filosofia da Universidade Federal do Ceará: Cassio Robson, José Aldo Camurça de Araújo Neto, Rodrygo Rocha Macedo, Amadeu Furtado, Ricardo, Arthur Eduardo Carvalho Rocha, Ricardo Alencar Weyne, Robert Brenner, Jéssica Celina e Ramon, pois foram amigos em momentos de necessidade.

Aos meus colegas do 24º Pelotão CFAP 2010, pois me ensinaram valores como companheirismo, solidariedade e irmandade tão carentes em nossa sociedade.

À Alexandra Gondim, cujo exemplo de competência, abnegação e trabalho frente à secretaria da Pós-Graduação em Filosofia da UFC lembrarei com todo carinho.

À professora Gilcimara que foi um anjo em minha vida.

“Viver feliz, meu irmão Galião, todo mundo quer, mas ninguém sabe ao certo o que torna a vida feliz; e não é fácil conseguir a felicidade, uma vez que, quanto mais ardentemente cada um a procura, se erra o caminho, mais dela se distancia; se o caminho o leva no sentido oposto, a própria velocidade aumenta a distância.”

SÊNECA

(4 a.C. - 65 d.C.)

RESUMO

Se o termo “filosofia”, em seu sentido etimológico significa amor à filosofia, tal amor se manifesta como amizade e este será um dos temas mais caros aos antigos. Esta dissertação, seguindo a metodologia de leitura e análise de textos, convida inicialmente o leitor a refazer o percurso da noção de *philia/amicitia* no mundo greco-romano no qual seus fundamentos foram lançados e discutidos em páginas memoráveis que vão desde os fragmentos de Empédocles de Agrigento, passando pelos diálogos platônicos como o *Lísida*, o *Banquete* e o *Fedro*, pelos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, pelas *Cartas* de Epicuro e pelo diálogo *Sobre a amizade* de Cícero, este último na Roma republicana. Todavia, as páginas especialmente dedicadas deste trabalho monográfico são dirigidas à reflexão que Sêneca, na Roma imperial, confere à amizade em algumas das *Cartas à Lucílio*, desfrutando do ócio filosófico que a situação política adversa no principado neroniano lhe impôs. Através de cartas, forma textual simples e direta de enviar ensinamentos ao jovem Lucílio, e por que não dizer também a nós, Sêneca repensa as relações humanas além das usuais formas de fisiologismo e clientelismo tão presentes na vida de patrícios e plebeus de seu tempo e propõe um sentido mais elevado da amizade, no sentido de que esta seja recíproca, solidária e desinteressada, componente fundamental da vida feliz e parte essencial de sua filosofia prática. Foram obtidos os seguintes resultados: a constatação de que Sêneca não entendeu Epicuro em relação a amizade, que a sua forma de pensar o Sábio é mais humana do que ocorria antes dele, pois apresenta um sábio que sente vontade de ter amigos e sente prazer em ter amigos e a sua escolha em tratar da amizade por meio de epístolas é feita por pensar que esse é o melhor modo de abordá-las.

Palavras-Chave: Sêneca. Amizade. *Cartas a Lucílio*.

ABSTRACT

If the term "philosophy" in its etymological sense means love for philosophy, that love manifests itself as friendship and this will be one of the most expensive to old themes. This dissertation, following the methodology of reading and analyzing texts, initially invites the reader to retrace the route of the notion of *philia/amicitia* in the Greco-Roman world in which its foundations were laid and discussed in memorable pages ranging from the fragments of Empedocles of Agrigentum, through the platonic dialogues as *Lysis*, the *Symposium* and *Phaedrus*, the books VIII and IX of the *Nicomachean Ethics* of Aristotle, Epicurus the letters and dialogue *On friendship* of Cicero, the last one latter in Republican Rome. However, the pages especially dedicated this monograph are directed to reflection that Seneca, in imperial Rome, gives the friendship in some of the *Moral letters to Lucilius*, enjoying the philosophical idleness that the adverse political situation in neroniano principality has imposed. Through letters, simple and straightforward textual form to send teaching the young Lucilio, and why not tell us, Seneca rethinks human relationships beyond the usual forms of patronage and clientelism so present in the life of patricians and plebeians of their time and proposes a higher sense of friendship, in the sense that this is reciprocal, caring and unselfish, fundamental component of the happy life and essential part of his practical philosophy. The following results were obtained: the realization that Seneca did not understand Epicurus in relation to friendship, that your way of thinking the Sage is more human than occurred before it, because it presents a sage who feel like having friends and takes pleasure in have friends and your choice in dealing with friendship through letters is made to think that this is the best way to address them.

Keywords: Seneca. Friendship. *Epistulae Morales ad Lucilium*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	p.11
2	SÊNECA E O GÊNERO EPISTOLAR.....	p.17
2.1	Cartas ou Epístolas?.....	p.19
2.2	Em que consiste o Gênero Epistolar.....	p.20
2.3	Como devem ser escritas as cartas segundo Sêneca.....	p.25
2.4	A melhor forma de tratar da amizade é por meio das cartas	p.29
3	A AMIZADE EM SÊNECA.....	p.36
3.1	<i>Carta 3</i> (Sobre a verdadeira ou falsa amizade).....	p.39
3.2	<i>Carta 6</i> (A sabedoria se divide com o amigo).....	p.43
3.3	<i>Carta 9</i> (O sábio e a amizade).....	p.50
3.4	<i>Carta 35</i> (Sobre a amizade entre mentes afins).....	p.54
3.5	<i>Carta 48</i> (Sobre como as discussões triviais são indignas do filósofo).....	p.57
3.6	<i>Carta 103</i> (Dos perigos de se associar com os outros semelhantes).....	p.61
3.7	<i>Carta 109</i> (Sobre a amizade entre sábios).....	p.64
4	A DEFINIÇÃO DE AMIZADE EM SÊNECA.....	p.69
5	CONCLUSÃO.....	p.76
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.78

1 INTRODUÇÃO

Parece não haver nenhuma outra realidade a que a natureza nos tenha inclinado como para a sociedade. Por esta razão, Aristóteles afirma que os bons legisladores tiveram mais cuidado com a amizade do que com a justiça, considerando a amizade o cume da sua perfeição. (MONTAIGNE, *Ensaio*).

No Império Romano viveram inúmeros filósofos cujas ideias permanecem vivas e que constituem inestimáveis contribuições para a humanidade. Dentre eles podemos destacar a figura de Sêneca, pois suas ideias sobre como viver melhor ainda são temas de discussões. Uma das que podemos destacar é a da amizade, que desde o homem se entende como gênero humano, é uma forma de relacionamento universal e importante para manter uma sociedade unida e coesa, pois não existe sociedade que não exista laço de amizade.

Na contemporaneidade a questão da amizade continua a ser de grande préstimo para a sociedade, uma vez que as relações humanas têm como seu fundamento inicial esse sentimento que pode ter como ponto de partida a utilidade, o prazer e a simpatia. A amizade parece fazer com que o ser humano reconheça no outro um “outro eu” e não apenas como um ser útil que é deixado de lado assim que cessa o atendimento do interesse em questão.

Para Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.)¹, a amizade é comum a todos e é de grande importância até mesmo para os sábios², pois “necessita igualmente de manter as suas

¹ Nascido em Córdoba, Espanha, em uma na época na qual aquela cidade fazia parte do Império romano, concedendo aqueles que lá nascessem o título de cidadania romana. Filho de Marco Aneu Sêneca, retórico, e de Hélivia. Teve três irmãos, Lúcio Aneu Novato, Júnio Galião, posteriormente chamado Lúcio Júnio Galião, que foi orador e Marco Aneu Mela. Era oriundo de uma família equestre, foi político, advogado, preceptor do Imperador Nero e uma das figuras mais expressivas do estoicismo, escola filosófica fundada na Grécia por Zenão de Cítio (335-264 a.C.) que privilegiava a moral. Seus mestres foram: Fabiano, Átalo e Sotião. Suas obras foram: *De Consolate Ad Marciam*, *De Consolate Ad Helviam*, *De Consolate ad Polybium*, *Apolocyntosis*, *De Beneficiis*, *De Brevitae Vitae*, *De Clementia*, *De Constantia*, *De Ira*, *De Otio*, *De Providentia*, *De Tranquillitate Animi*, *De Vita Beata*, *Agamemnon*, *Hercules Furens*, *Hercules Oetaeus*, *Medea*, *Oedipus*, *Octavia*, *Phaedra*, *Phoenissae*, *Thyestes*, *Troades*, *Quaestiones Naturales e Epistulae Morales ad Lucilium*.

² O sábio (*sapiens*) é a pessoa que já atingiu a sabedoria, que está imune as paixões, uma pessoa que já possui a felicidade, isto é, uma pessoa perfeita que foi capaz de realizar plenamente todos os ensinamentos da escola que segue. Diferente do filósofo (*philos* e *sophos*) que é amigo da sabedoria. O filósofo não possui o saber, ele está a sua procura. O sábio é uma figura que deve ser entendida muito mais como uma meta do que alguma pessoa que se possa encontrar facilmente ou até mesmo alguém que seja doutrinado e se torne um *sapiens*. Para Diôgenes Laértios na sua obra *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*, VII, 117, p. 208 e 122, p. 209 diz que para: “Os estóicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo “apatia”, que designa propriamente a ausência de paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover. O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade. ...os sábios são infalíveis, porque não estão sujeitos a errar.”

virtudes em atividade e, por isso mesmo, não só se estimula a si próprio como se sente estimulado por outro sábio”.³ E acrescenta “que todas as virtudes são unidas entre si por uma espécie de amizade”.⁴ A passagem lembra a teoria do filósofo grego Empédocles que diz que a amizade seria responsável pela união das quatro raízes (rizomas), água, terra, fogo e ar.⁵ Esses elementos são responsáveis pela pluralidade do mundo natural, isto é, tudo no mundo é resultado da agregação dessas quatro raízes fundamentais. Essa mesma ligação é essencial para convivência social, que seria praticamente impossível de ocorrer sem a amizade.

O objetivo principal da filosofia prática senequiana é fazer com que o homem alcance a condição de *ataraxia*, ou seja, a imperturbabilidade da alma e, assim, viveria uma vida feliz. A conduta moral independe da *Fortuna*⁶ e a amizade parece ser uma questão chave para se chegar ao referido estado da alma.

Para um entendimento do conceito de amizade em Sêneca é necessário examinarmos a situação em que a obra mencionada foi escrita. Na sociedade da Roma Imperial, qualquer homem de importância estava sujeito a ter sua vida pessoal diretamente relacionada à vida política de destaque. Além disso, estava sempre rodeado de pessoas que

³ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 2, p.603.

⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 10, p. 605.

⁵ EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO. Fr. 17, Simplicio, *Física*, 157: “Duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser só de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só. Dupla é a gênese das (coisas) mortais, dupla a desistência. Pois uma convergência de todos engendra e destrói, e a outra, de novo (as coisas) partindo-se, cresce e se dissipa. E estas (coisas) mudando constantemente jamais cessam, ora por Amizade convertidas em um todas elas, ora de novo divergidas em cada por ódio de Neikos. Assim, por onde um de muitos aprenderam a formar-se, e de novo partido o um múltiplos se tornaram, por aí é que nascem e não lhes é estável a vida; mas por onde mudando continuamente jamais cessam, por aí é que sempre são imóveis segundo o ciclo. Mas vai, do mito escuta; pois estudo aumenta o peito. Pois como já disse, revelando o alcance do mito, duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser um só de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só, fogo e água e terra, e de ar a infinita altura, e Ódio funesto fora deles, de peso igual em toda parte, e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura; contempla-a co’a mente, e com os olhos não te sentes pasmo; ela entre mortais se considera implantada em seus membros, por ela pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite, Ela por entre eles se enrolando não viu nenhum mortal; mas tu ouve do discurso a sequência não enganosa. Pois estes todos são iguais e de mesma idade, Mas honra, cada um mede outra, e cada um tem seu modo, e em turnos prevalecem no circuito do tempo. E além deles nada mais vem a ser nem deixa de; pois se continuamente percessem não mais seriam; e este todo que (coisa) o acresceria? Onde vindo? E por onde se extinguiria, pois destes nada é vazio? Porém estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros tornam-se outros em outras vezes e continuamente os mesmos.”

⁶ Para o romano clássico a *Fortuna* era a divindade do acaso e do destino, que poderia ser boa ou ruim. Os estoicos, inclusive Sêneca, acreditavam que todos estão sujeitos a seus revezes e lutar contra ela seria perda de tempo. Todavia, um estoico não fica esperando pela boa *Fortuna* para buscar a felicidade, pois sua virtude independe completamente dela, encontrado-se no interior do ser humano e nunca podendo ser buscada fora do homem.

tinham interesse em servi-lo, como amigos, clientes, assessores, escravos e libertos, cuja educação especializada destinava-se ao serviço de seu patrão.

Sêneca fazia parte da aristocracia vigente, mas não estava diretamente a seu favor, pois em relação aos aristocratas “basta que os não tenhamos como inimigos (os membros importantes das classes dominantes). O sábio, conseqüentemente, não provocará as iras dos poderosos, antes as esquivará, tal como no mar procuramos esquivar as tempestades.”⁷. Logo, ele fez críticas a tudo o que estava acontecendo ao seu redor, mas deveria ser sábio o suficiente para tentar contornar e sobreviver do modo menos complicado possível. É assim que o tema da amizade surge como uma espécie de troca de favores na qual quem favorece alguém é por este favorecido, o que, aparentemente, reforçaria o sistema de clientelismo vigente, pois não lhe seria possível evitar tal relacionamento.

As ideias de Sêneca sobre a amizade não se baseiam exclusivamente nas relações dos homens influentes de sua época. Para ele, a amizade é algo mais sério, mais profundo, trata-se de uma construção que demanda tempo, vontade e sinceridade, aliás, bem alinhado aos ideais estoicos⁸, que reforçam os vínculos entre amigos tendo no horizonte a relação mestre-discípulo, que parece ser mais interessante do que a mera aproximação com fins meramente pragmático-egoísticos.

Existe a necessidade de se garantir a parrésia, ou seja, aquela fala franca, aberta, confessional mesmo, algo que não parece ser possível numa relação meramente instrumental, como sugeria o clientelismo (*patrocinium*). O cliente era um homem livre que fazia a corte a um homem influente em troca de proteção, serviços ou bens. Dessa forma o patrono declara que o referido homem livre se torne seu cliente. Na sua obra *Sobre a brevidade da vida*, Sêneca entende que o cliente faz com que o patrono encurte a sua vida dado que tal relação o ocupa e toma tempo que poderia servir para o ócio.

⁷SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 14, 7, p.603.

⁸ A Escola fundada por Zenão de Cítio é marcada por profundas mudanças políticas e sociais na Hélade. Com o fim da cidade-estado (*pólis*) deixa-se de dar ênfase para o social da forma como o grego clássico resolvia que era envolvendo os cidadãos nas decisões políticas e se passa a valorizar o individual. Assim novas ideias são apresentados por essa “Escola” como a busca pela vida feliz (*uita beata*), pois a Escola Estoica entendia que o fim último do homem é a felicidade, pois em sua ausência se faz tudo para que a tenha; a busca da imperturbabilidade da alma (*ataraxia*) por meio da extirpação das paixões, a *ataraxia* já é um reflexo da felicidade, pois um homem feliz se mantém equilibrado sem alterar a sua personalidade; e a vida segundo a natureza (*uitae secundum naturam*), essa vida fará com que o homem evite excessos, pois o ser humano de acordo com sua natureza não tem grandes necessidades de querer algo fora da sua natureza é estar totalmente fora do caminho para a felicidade. Explicando o nome Estoicismo, vem de *Stoá* (termo que significa “pórtico”, lugar em que os filósofos se encontravam, daí os estoicos serem chamados de filósofos do pórtico).

O filósofo e orador Cícero⁹ também destaca a importância da parrésia como elemento fundamental para amizade, sem a qual a existência desta última seria impossível, pois é próprio da verdadeira amizade dar e receber advertências dá-las francamente e sem rudez, recebê-las com paciência e sem mau-humor. Nas palavras de Cícero: “Portanto, advertir e ser advertido é próprio da amizade verdadeira, desde que isso seja feito com franqueza e afabilidade, e recebido com paciência e sem ressentimento.”¹⁰ Essa franqueza de Cícero será completamente absorvida pela teoria de Sêneca. Para Cícero a franqueza serve para evitar possíveis bajuladores que não podem ser entendidos como amigos uma vez que não servem para apontar os defeitos dos possíveis amigos, assim não sendo verdadeiros. A falta de verdade é talvez o pior defeito de uma amizade.

Sêneca adota o gênero textual do epistolário como um artifício literário para fugir de técnica de exposição teórica. Assim apresenta suas ideias de maneira mais íntima e acessível, através de máximas, tanto estoicas como as de Epicuro¹¹, e também por meio de exemplos práticos. Sua motivação é a conversão paulatina do amigo Lucílio ao estoicismo, pois o mesmo era simpatizante do epicurismo, assim, a cada carta são passados não só os conceitos dos filósofos do Pórtico (*Stoa*), como também pensamentos de outros filósofos. Dessa forma, Lucílio seria capaz de se libertar do condicionamento de ordem social e política que marcava a amizade naquele período, pois era tratada como uma instância política, logo era uma relação meramente utilitarista, daí a necessidade de tentar fazer com que o amigo se aproximasse do ideal de sábio estoico.

Em relação à ética, em Sêneca é possível notar a presença de apreciações de grande agudeza sobre a natureza e o comportamento do homem, mas também é perceptível em sua filosofia de um modo geral. Não se pode pensar filosofia sem conceber o mundo de

⁹ Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.), nasceu em Arpino, daí o seu apelido de Arpinate. Foi um importante homem público e filósofo da transição do período da Roma Republicana para Roma Imperial, onde tentou salvar a República sem sucesso. Ele será o principal autor latino a quem Sêneca irá se referir.

¹⁰ CÍCERO. *Da Amizade*, XXV, 91, p. 75.

¹¹ Epicuro de Samos (341 a.C. - 270 a.C.) foi um ateniense do demo de Gargetos. Fundador do Epicurismo que junto com o Estoicismo e o Cinismo são as maiores escolas filosóficas do Período Helenístico. Esse Período se inicia no ano 323 a.C. e vai até o ano 146 a.C. Entendia que todos querem a felicidade. E alguém só pode ser feliz se tiver amigos. Provavelmente foi o filósofo a dar a maior importância para amizade, pois ensinava que para o homem ser feliz eram necessários três elementos: a amizade, a liberdade e uma vida bem-analisada. Assim, fundou sua escola, que ficou conhecida pelo nome de Jardim, na qual vivia junto dos seus amigos. Uma convivência sem a qual não seria possível a felicidade. Além da convivência a confiança também é uma característica da amizade epicureia. Ele é um bem desejável por si. Para Epicuro qualquer homem poderia ser feliz, pois esses três elementos da felicidade estão ao alcance de todo e qualquer homem.

maneira concreta. Dessa forma entendemos que o estudo da moral não é uma mera especulação, mas sim axial e sua filosofia funcionando como verdadeiro fármaco, necessário ao ser humano.

A natureza da alma tem uma dupla apresentação: inferior, onde dominam os instintos e as paixões (*affectus*) e superior, onde há um domínio da razão (*ratio*). Lembrando que a razão existe, potencialmente, em todo ser humano, não significando que o mesmo a atualize. A atualização dessa natureza específica do homem é aquilo que é chamado por Sêneca de virtude (*uirtus*). Numa análise mais profunda a *uirtus* identifica-se com a razão dada à oposição que existe entre virtude e paixão. Logo, a prática constante da virtude é o que leva o homem a viver segundo a sua natureza¹².

O viver de acordo com a natureza almeja encontrar a tranquilidade da alma. Mas para viver de acordo com a natureza o homem precisa não querer satisfazer as vontades da volúpia, pois ela assim como os demais prazeres são passageiros e sempre o homem ficará com a necessidade de satisfazê-los tornando-se escravo desses prazeres. A questão do prazer que Sêneca coloca será um ponto de discordância com o epicurismo, pois o Filósofo do Jardim não será contra os prazeres e Sêneca, ao contrário, não pensa os prazeres como fim na trajetória para a beatitude. O que Sêneca entende é que os prazeres são como sendo algo passageiro, que por vezes leva ao erro, mas Epicuro entende que não se deve negar os prazeres, sem mencioná-los como algo essencial para a vida ou que se deve ser escravos deles, sendo eles da natureza do homem e os dois convergem ao vislumbrar que uma vida de acordo com a natureza é a vida feliz. Pode-se entender pelo ensinamento de Epicuro, que o homem precisa comer para sobreviver, mas não tem a necessidade de querer a comida mais cara e elaborada, pois para quê querer ter a comida mais cara e elaborada? Qual a razão de se querer ter a refeição mais cara e elaborada se a refeição mais simples tem a mesma função de saciar a fome? É contra a natureza querer o que é desnecessário, pois não é necessária a comida mais cara. É necessário comer, pois é uma questão de sobrevivência.

¹² Para SEGURADO (2014:25): “Passando a um nível “superior” Sêneca vai procurar qual, de entre os seus dados naturais, é aquele que constitui o “bem” específico do homem. Investigando os traços que aproximam e separaram o homem dos restantes animais Sêneca considera que, enquanto as necessidades naturais são idênticas para todos, existe algo que é exclusivo do homem, e esse será o seu “bem” específico: a razão. Logo seguir a natureza toma um sentido diferente do que expressão possui quando aplicado aos animais: para o homem significará em Única e exclusivamente viver de acordo com os ditames da razão.”

Ter amigos é estar de acordo com a natureza, pois não se pode imaginar um homem que tende para a vida em sociedade que não tenha desejo por amigos. Todavia, isso é em relação ao cidadão comum, já que o sábio pode viver sem amigos. Então, como se pode entender o desenvolvimento da amizade na filosofia senequiana? Isso leva ao objetivo geral da pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa é buscar compreender o conceito de amizade que se estabelece como parte essencial da filosofia prática de Sêneca. Já os objetivos específicos que irão detalhar as ações da pesquisa são: Examinar o motivo que levou Sêneca a tratar da amizade por meio de cartas, observar o desenvolvimento do tema amizade em outros autores antigos que antecederam Sêneca, e identificar a especificidade no tratamento da questão pelo Cordobês.

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica, consistindo na investigação e na interpretação textual das obras que compõem a filosofia prática de Sêneca, especialmente as *Cartas a Lucílio* que é a obra principal da pesquisa, e dos exames dos principais intérpretes de sua filosofia estoica, especialmente aqueles que se dedicam ao estudo do tema em questão em Sêneca. Para o desenvolvimento do tema em tela será adotada uma estrutura metodológica que consiste em dividir o trabalho em três partes.

A primeira consiste na análise da epistolografia romana antiga e qual é a importância das cartas para Sêneca. Procuraremos responder à questão: O que levou Sêneca a optar pelo gênero textual epistolar para tratar da amizade?

A segunda tratará de fazer a análise das epístolas que têm a amizade como tema principal, ou seja, as Cartas 3, 6, 9, 35, 48, 103 e 109, nas quais observaremos a definição do que é a amizade em Sêneca e qual é a sua importância dentro de sua filosofia prático-moral.

A terceira e última parte tratará da definição da amizade em Sêneca e como as cartas se relacionam tentando estabelecer um nexos entre as cartas que tratam da amizade. Assim, será compreendido o que era buscado por Sêneca em cada carta e se há uma sequência lógica entre as mesmas.

2. SÊNECA E O GÊNERO EPISTOLAR

Mesmo que estivéssemos às vezes separados, poderíamos, pela correspondência, permanecer presentes um ao outro. (ABELARDO, *Correspondência de Abelardo e Heloísa*).

Procurarei, neste capítulo, responder à questão do porquê Sêneca aborda o tema amizade por meio do gênero epistolar¹³, uma vez que o Cordobês mostra-se versátil em outros gêneros textuais, inclusive tendo escrito diálogos, tratados de Filosofia e de Ciência, peças trágicas e uma sátira destinada ao Imperador Cláudio. Uma primeira aproximação ao tema encontra-se no diálogo *Dos Benefícios*, porém as definitivas reflexões de Sêneca sobre o assunto se encontram no seu *corpus* epistolar. Assim, por que o Cordobês optou por esse tipo de gênero textual sendo que teria muitos outros para tratar do assunto amizade? Duas respostas são apresentadas por BRAREN (1999: 39), que não têm a intenção de esgotar a matéria:

A primeira resposta é aparentemente fácil. Epístolas permitem oferecer doutrinação filosófica sem o necessário rigor de um plano de redação de um tratado filosófico. As epístolas se sucedem ao sabor das reflexões do momento. O conteúdo não necessita seguir uma ordenação global única. Diferentes assuntos podem ser tratados topicamente, desde que obedeçam à proposta pedagógica de ensinar o caminho para a sabedoria segundo um propósito determinado à doutrinação segundo os moldes do estoicismo. Uma segunda resposta pode ser obtida a partir do exame do modo como as epístolas foram escritas. A própria forma epistolar, com todas as suas implicações, é adequada às exigências de Sêneca.

Em relação à primeira resposta, faz todo sentido, pois é inegável uma estratégia pedagógica que consiste em fazer uso do pensamento de Epicuro de Samos, pois seu amigo era simpatizante do epicurismo, fazendo citações sobre mesmo, e o reinterpretando nos moldes estoicos. Porém, em um segundo momento, Epicuro não será poupado de críticas, o que antes não parecia sensato ser feito, pois poderia causar em Lucílio uma antipatia a Sêneca. Não se pode afirmar que há uma gradação de conteúdos ou, até mesmo, uma evolução no pensamento de Lucílio, pois as *Cartas* não têm nada que ofereçam tal conclusão.

No máximo, haverá passagens em que Sêneca elogiará Lucílio em relação ao seu esforço em tentar seguir seus ensinamentos, como pode ser observada na *Carta* 31,1: “Estou

¹³ Peterlini fala de um tratado senequiano intitulado *Sobre a Amizade*, publicado por Ângelo Mai, em Roma, no ano de 1820, do qual se teria apenas uns poucos fragmentos dos quais Peterlini diz não ter tido acesso. (PETERLINI, 1999: p.96)

reconhecendo o meu Lucílio: já começa a mostrar-se tal como prometia vir a ser. Prossegue com essa disposição de espírito...”. Ou, na *Carta* 41,1: “É uma empresa excelente e salutar a tua, se de facto, conforme me escreves, continuas a avançar rumo à sabedoria...”. E o mesmo Sêneca reforça que as *Cartas* não é um tratado de filosofia e nem tem tal pretensão, pois na *Carta* 39,1, diz que não pretende: “... escrever um tratado de filosofia, bem sistematizado e sintetizado,...”, o que nos induz a pensar que os conteúdos filosófico-estoicos não serão tratados de forma sequencial, mas de acordo com a necessidade de abordar assuntos importantes para o doutrinamento de Lucílio. Tanto é assim que chega a surgir cartas, como a *Carta* 9, que não foi prevista por Sêneca, a partir dos questionamentos de Lucílio. Assim, apresenta o motivo da escrita dela no parágrafo 1: “Estás com interesse em saber se Epicuro tem razão quando, numa das suas cartas, censura aqueles que afirmam que o sábio se concentra consigo mesmo...”. O gênero textual epistolar permite o autor escrever de uma forma mais acessível, pois sendo dessa maneira não seria necessário utilizar o rigor na linguagem que outros gêneros exigem.

E a segunda resposta de BRAREN (1999) também está de acordo com os pensamentos senequianos, pois ao optar por utilizar uma linguagem mais acessível, ele permite criar uma intimidade com o leitor, já que o obstáculo da linguagem complicada não existe mais.

Sêneca escreveu as *Cartas a Lucílio (Ad Lucilium Epistulae Morales)* de 62 a 64 d.C., período em que se encontrava vivendo uma vida retirada, pouco antes da sua morte em 65 d.C.. Como já mencionado, o objetivo principal desses textos era a conversão de seu amigo Lucílio, simpatizante do epicurismo, para o estoicismo. Lucílio, de quem pouco se sabe, não teve apenas as *Epístolas* como obras de Sêneca destinadas a sua pessoa, mas outras como o *Da providência (De providentia)* e *Questões Naturais (Naturales Quaestiones)*.

ANTÓN (1999) ressalta que a forma na qual Sêneca emprega os conceitos do Filósofo de Gargeto é tão pontual que chega a ser usada como maneira de divisão dos livros I, II e III que compõe as cartas de 1 a 29, onde se utilizam máximas de Epicuro ao final de quase todas elas como pensamentos para ajudarem Lucílio no caminho da sabedoria. O que pode ser dito é que a utilização do gênero carta não foi escolhida de forma aleatória, pois já era tradição o uso de epístolas em Roma e na Grécia Clássica. Filósofos de forte influência

sobre Sêneca, como Cícero e Epicuro, haviam utilizado o gênero epistolar para expor suas ideias.

2.1 Cartas ou Epístolas?

Quanto ao uso dos termos “carta” ou “epístola”, pode-se questionar se há alguma diferença entre um e outro; ou se podem ser usados de maneira indistinta, tratando-os como sinônimos: O questionamento tem a sua relevância, pois segundo BRAREN (1999: 40), tanto em um como no outro possuem:

O autor, que é o sujeito empírico produtor do texto, pode ser único, impessoal, múltiplo ou anônimo. O missivista é o enunciador autorizado, explícito, que se materializa, cria tempo e espaço mediante um discurso. Do mesmo modo, o endereçado pode ser a figura explícita ou implícita do discurso.

Contudo, Beatriz Antón e Ingeborg Braden possuem pensamentos parecidos em relação à questão e falam de uma distinção entre cartas e epístolas. Assim, ANTÓN (1999: 109) nos diz que: “La carta (<<Brief>>) es la verdadera carta, enviada a un destinatario preciso; la epístola (<<Epistel>>) es la carta dirigida ficticiamente a un interlocutor, pero en realidad destinada a la publicación.”. A epístola seria uma espécie do gênero carta, isto é, a epístola seria uma especificidade do gênero carta. Assim, Sêneca e Epicuro teriam escrito epístolas e Cícero cartas. Já BRAREN (1999: 40) descreve que:

De maneira geral, convencionou-se considerar a carta como um escrito sem aspirações literárias, é consagrada ao destinatário em particular e, por isso mesmo, com a propriedade de aproximar pessoas distantes. A epístola, dirigida com intuítos literários, destina-se ao público em geral, ou pelo menos a um determinado público.

Fica convencionado que Sêneca escrevera epístolas, tendo em vista que as escreve para um destinatário específico, mas com a intenção de ser lido por outros indivíduos ou qualquer um que tivesse interesse, o que havia acontecido, por exemplo, com o Filósofo do Jardim.

Outros estudiosos também demonstraram a diferença entre cartas e epístolas. Um deles foi DEISSMANN (1895) que pretendeu demonstrar de maneira platônica¹⁴ a referida diferença, na qual a carta faz parte da vida, da natureza, enquanto a epístola, da arte, ou seja,

¹⁴ No Livro X do diálogo *A República*, Platão nos passos 598b - d5 e 601a4 - b5 chegou à conclusão de que a arte é uma imitação da natureza verdadeira, isto é, o mundo das ideias. E Deissmann ao dizer que a carta faz parte da vida e epístola da arte poderia fazer um paralelo na qual a carta seria o real, natural e a epístola seria a sua imitação.

esta última seria uma representação. LUCK (1961) escreveu seu comentário sobre a diferença entre ambas as formas de escrita após Deissmann, no qual acrescenta que geralmente a epístola é uma coleção publicada pelo próprio autor ou por alguém próximo a ele. Contudo, pensa Luck que a carta pode ser convertida em epístola, para isso ocorrer depende do autor, do conteúdo ou de ambos. Para SCARPAT (1972), não houve na antiguidade clássica uma verdadeira e própria teoria epistolar. Ele mantém a divisão dos tipos de cartas que aparece no *Ars Rhetorica* de Júlio Victor entre cartas públicas (*publicae*), que se destinavam a funcionar como avisos oficiais, e privadas (*privatae*)¹⁵, que tinham a destinação de troca entre correspondência dos cidadãos romanos. Beatriz Antón (1999) coaduna com o pensamento de Scarpata e não faz a distinção entre epístolas e cartas que Deissmann faz. A presente pesquisa segue esta linha de interpretação que consiste em não fazer a distinção entre carta e epístola, fazendo com que o uso dos termos seja usado de forma indiscriminada.

2.2 Em que consiste o Gênero Epistolar

Para que possamos entender o que motivou a preferência de Sêneca pela escrita em forma de epístolas, devemos definir o que são as mesmas. E mais do que isso, saber se de alguma forma existe um gênero epistolar. Ou se o termo de gênero epistolar faz algum sentido. Pergunta que é feita por CASQUERO (1983: 40), em seu texto *Epistolografia Romana*, “... los latinos y los griegos, eran fundamentalmente tres: lírica, épica y dramática, de los que derivaram los <<géneros secundarios>>”. Assim, na Roma Imperial, só se pode falar em cartas como um subgênero e não como um gênero, ao passo que, nos dias atuais, entendemos carta como um gênero textual.

Por meio de epístolas, é possível narrar qualquer história sem nenhuma restrição de conteúdo, como descrever uma pessoa ou fazer um ofício para alguma autoridade pública, sem nenhum prejuízo à regra em relação à redação.

Caio Júlio Víctor foi o primeiro autor romano a tratar sobre regras de escrita para o gênero textual cartas, mas, na Grécia Antiga, outros já tentavam normatizá-lo. Procolo com sua obra *Peri epistolomaiou kharaktéros* e Demetrio de Faléro, com *Typoi epistolikoí*, muito antes de Víctor, já faziam análise das epístolas no mundo helênico.

¹⁵ Cícero que subdivide as cartas privadas em três. A primeira serve para comunicar uma notícia a pessoas ausentes, a segunda tem um caráter familiar e jocoso e a terceira tem a natureza séria e melancólica é o que apresenta o Arpinate na sua obra *ad Familiares* 2, 4, 1.

Pouco se sabe a seu respeito. Estima-se ter sido um professor de retórica do século IV d.C. Júlio Vítor não deve ser considerado como um normatizador, mas sim alguém que fez uma análise descritiva de como eram as epístolas de sua época. Ele escreveu o seu a *Arte Retórica (Ars Rethorica)* que teve forte influência de Cícero e Sêneca, no caso de Cícero esta é ainda mais evidente, pois ele dedicou um texto inteiro para tratar sobre o assunto das cartas no Império Romano.

Em relação às regras que compõem a redação de epístolas, somente Júlio Vítor, no capítulo 27 de sua obra *Ars Rhetorica*, irá tratar das epístolas. Em geral, há uma grande escassez na Literatura Clássica sobre a epistolografia romana antiga. E não ocorreu nenhuma sistematização teórica sobre o estudo de cartas em todo período da Roma antiga. Apenas no período medieval haverá autênticos tratados sobre o tema, e foi justamente Júlio Vítor quem mais se aproximou disso. O *De epistolis* é o último capítulo do *Ars Rhetorica* e apresenta dois tipos de cartas: *negotiales* e *familiares*. Na Grécia antiga, a retórica era fundamental para consolidar a educação e a formação política, proporcionando aos cidadãos atenienses uma capacidade de desempenho negocial ou político até ali reservada apenas a alguns eleitos. Esses argumentos negociais são muito valiosos, pois englobam todos os princípios da *Ars Rhetorica*.

A característica basilar de todas as epístolas em geral é ser uma conversa entre pessoas ausentes. Além de usar uma linguagem apropriada ao tema, mas nunca podemos esquecer que se trata de uma carta; assim, não poderá ser demasiado longo. As cartas familiares, que podem ser consideradas as versões escritas do *sermo familiares*, são apresentadas por Júlio Vítor que descreve suas características e não seu conceito. A primeira característica é a brevidade, que faz que sua leitura seja dinâmica e agradável. A segunda é a clareza na exposição, pois, se o discurso não for claro, haverá sérios problemas de aceitação por parte do povo romano. A terceira se trata da adaptação por parte do missivista ao leitor, pois se as epístolas fossem de difícil entendimento poderiam não ser compreendidas, correndo o risco de não corresponderem à realidade do receptor. A quarta característica é a de que o escritor dever redigir a epístola de acordo com as circunstâncias do destinatário.

Júlio Vítor termina o seu capítulo sobre as epístolas tecendo uma série de considerações sobre o ato de escrever uma carta, como escrever de próprio punho a saudação inicial e subscrições como sinal de amizade e dignidade. Relata-nos ainda que, quando se está

respondendo uma carta, deve-se fazer com a posse de punho da carta a que se responde, pois assim haverá uma completude nas respostas e será consideravelmente dirimida a chance de não ser respondido algo. Portanto, descreve que as cartas de recomendação serão dadas com confiança ou não, devendo haver um forte laço de amizade, “e se algo digno de ser aprovado, se algo digno de ser rogado pedires.”¹⁶ Também é agradável escrever algo em grego, desde máximas, verso ou parte de um verso. Isso não era apenas uma característica epistolar ou simplesmente essencial a Sêneca, mas toda Roma clássica fazia uso de tal instrução, pois fazer uso da língua grega demonstrava erudição do escritor e, assim, era algo muito bem visto na classe nobre romana.

Segundo VEYNE (2009: 32), “Nenhum romano de bom nascimento pode se dizer culto se não aprendeu com um preceptor a língua e a literatura gregas...” Por fim, é agradável reportar-se ao receptor como se este estivesse presente, fazendo-se uso de períodos como “ei, você!”, “que dizes”, “vejo-te rir”. Sêneca é um exemplo da referida regra de Júlio Vítor, pois, em vários momentos, se reporta a Lucílio como se estivesse na sua presença: “Sempre que aparece uma carta tua tenho a sensação de estar na tua companhia e isso dá-me uma tal disposição de espírito que mais me parece estar a responder-te de viva voz do que por escrito.”¹⁷. O *sermo inter absentes*, ou seja, a conversa entre os ausentes, é um desejo pela presença do amigo que está ausente e exemplifica bem o pensamento de Júlio Vítor sobre o que se pretende quando se redige uma epístola. Assim, a carta faz com que a *apousía*, ausência, seja convertida em *parousía*, presença. Algo muito caro a Sêneca que vive uma vida retirada longe de seu caro amigo. Na *Carta 40, 1* Sêneca descreve novamente a importância do *sermo inter absentes*:

Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os relatos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo.

¹⁶ MARTIN, T.M. *Tradução anotada e comentários da Ars rhetorica de Caio Júlio Vítor*. 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

¹⁷ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 67, 2, p. 253.

E como nos relata Julio Victor, Cícero também possui tal costume. O Arpinate foi uma referência na elaboração do *De Epistolis*, assim como César, Augusto, dentre outros. Deste modo, o capítulo *De Epistolis* é encerrado dizendo que se deve falar bem não só nas epístolas, mas em qualquer escrito. E essa é uma preocupação que se faz presente em todos os escritos de Sêneca.

Outro assunto que não pode ser deixado de lado é a estrutura epistolar, apresentada no artigo de Beatriz Antón que nos evidencia uma análise do epistolário em Roma levando em consideração Cícero, Sêneca e Plínio¹⁸. Como não há nenhum manual a respeito, tendo apenas em um vasto período que vai da Roma republicana até a Imperial apenas o último capítulo do *Ars Rhetorica*, ela faz uma análise da epistolografia romana por meio desses três autores. Assim, ela chega à conclusão de que “La carta es afín al discurso, pero también es un documento escrito y debe respetar, por tanto, ciertas reglas que miran a funcionalizarla.”, ANTÓN (1999: 114). Encontramos, portanto, uma fórmula estrutural epistolar comum aos autores da Roma Antiga. Os componentes indispensáveis ao se escrever uma carta são: *inscriptio*, *corpus*, *subscriptio*. A saudação inicial, *inscriptio*, começa com o nome da pessoa, que aparece no nominativo, o destinatário da epístola em dativo, e no final sendo acrescentado o verbo *saluto* na conjugação verbal *salutem*. Sêneca apresentará a mesma saudação inicial: *Seneca Lucilio suo salutem*, na qual *Seneca* é nominativo e *Lucilio* é dativo. O *corpus* ou o corpo do texto é o assunto a ser tratado, sempre seguindo as rígidas regras apresentadas.

Deve-se destacar que geralmente se iniciaria com uma frase convencional de forma abreviada: *s.u.b.e.e.u.*, *Si uales bene est ego ualeo* (Se você está bem, estou bem), o que será contestado por Sêneca, pois utilizar tal período seria uma perda de conteúdo; assim, suas *Cartas* sempre prescindem de frases padrões já prontas para ir direto ao conteúdo que, para ele, deve ser sempre elevado e filosófico. *Subscriptio* ou saudação final será após o corpo do texto, podendo ser usado *vale*, *valet* ou semelhantes. Sêneca nunca irá terminar alguma carta sua sem fazer uso do simples *vale*. Tanto as saudações iniciais quanto as finais reforçam a ideia de que Sêneca está dialogando não apenas com Lucílio, mas com todos os que viessem se prestar a sua leitura. Para CASQUERO (1999: 396), “No cabe duda de que

¹⁸ Caio Plínio Cecílio Segundo (62?-113? d.C.) ou Plínio, o jovem foi um importante orador romano e também possui uma valorosa coleção de cartas da Roma clássica.

Lucilio no es más do que un pretexto, y que las cartas van dirigidas en realidad a todos y cada uno de los hombres”, o que é reforçado pelo próprio autor na *Carta* 21, 3-4:

Numa carta a Idomeneu, que então era ministro do poder real e encarregado de importantes responsabilidades, Epicuro, para o afastar dessa vida de ilusória grandeza e o aliciar para a glória certa e firme da sabedoria, disse-lhe: “*Se estás interesado na glória, as minhas cartas dar-te-ão renome superior a esses cargos que tu procuras - e que tornam a tua pessoa tão preocupada!*” Será que Epicuro se enganou? Quem conheceria hoje Idomeneu se o filósofo o não citasse na sua correspondência? Todos os grandes da corte, todos os sátrapas, o próprio rei que concedeu o cargo a Idomeneu, jazem no mais profundo esquecimento. São as cartas de Cícero que não deixam esquecer o nome de Ático.

Sêneca ao comparar Lucílio a Idomeneu e Ático, que foram imortalizados nas cartas de Epicuro e Cícero, respectivamente, está assumindo que não está a escrever apenas para o seu amigo. Antón chega a levantar suspeitas quanto as reais intenções de Sêneca em relação à sua obra, isto é, se ela é realmente um epistolário ou uma obra de ficção, pois apresenta itens de discussão que são segundo ANTÓN (1999: 31),

a) El tono moralizante como principal característica. b) Numerosos puntos de contacto entre lo temas tratados aquí y en algunos de sus *diálogos*. c) El destinatario: Sêneca declara que mira a la posteridad (*epist.* 8) y así asegurar la inmortalidad a Lucilio, como hizo Epicuro con Idomeneo ou Cicerón com Atico (*epist.* 21).

Também J.A. Segurado sugere, na introdução da sua tradução para o português das *Cartas*, que poderia não ser uma coletânea de autênticas cartas, pois não possui a certeza da existência de Lucílio, do qual muito pouco se sabe. Todavia, apesar dos três comentadores em questão levantarem indagações sobre a veracidade das *Cartas*, pode-se afirmar que elas são obras de literatura e que não seriam destinadas a Lucílio. O argumento de que pouco se sabe sobre o amigo-aluno, não prova que ele não tenha existido ou que o mesmo não seja o principal destinatário. Suspeitas podem ser levantadas, mas nada se tem comprovado. Além disso, os itens levantados por Antón não excluem que Sêneca tenha escrito com um tom moralizante, como se estivesse destinando não só a Lucílio, mas também para outras pessoas. Não há problema que suas cartas sejam parecidas com seus tratados, diálogos, pois Sêneca entende haver não proveito em uma carta escrita com os pensamentos que vêm a esmo. Uma carta senequiana tem a sua escrita bem planejada, não sendo uma simples troca de saudações e

conteúdos que não possuam alguma utilidade moral. Uma carta escrita a esmo seria uma perda de tempo, o que lhe é muito caro¹⁹.

2.3 Como devem ser escritas as cartas segundo Sêneca

Quando se está falando de Sêneca, deve-se ter em mente que ele é o autor da segunda maior coleção de cartas em latim, num total de 124 distribuídas em 20 livros, mas que não se encontra completa, há alguns fragmentos além do que está à disposição. Cícero é o primeiro, tem a maior coleção de cartas em latim da Roma clássica, com 37 livros contendo quase mil cartas. A sua obra epistolar se divide assim: *Ad Atticum* com 16 livros, *Ad familiares* com 16 livros, *Ad Quintum fratrem* com 3 livros e *Ad Brutum* com 2 livros. Apesar de uma distância temporal de quase cinquenta anos entre os dois, não apareceu entre eles nenhum grande escritor de cartas, constituindo-se, portanto a melhor fonte de comparação para a análise da epistolografia senequiana. Cícero, *a priori*, não escreveu cartas para serem publicadas e não tem como característica a intenção de serem tratados filosóficos. O mesmo não pode ser afirmado em relação a Sêneca, pois ele inaugura uma nova função em relação ao uso das cartas.

Sêneca não vai escrever uma carta sem que a mesma não tenha utilidade. “Eu só escrevo o que sinto ter utilidade, quer para ti, quer para mim”.²⁰ Logo, há uma elevação da simplicidade de uma carta comum e formal para abranger uma carga filosófica, o que faz com que seja criado um novo estilo que é a carta-tratado. Sêneca tem consciência da sua inovação. Na *Carta* 118,1, assim ele se expressa: “Cá estou então a escrever-te, antecipadamente, mas sem fazer o que Cícero, esse mestre da eloquência, pedia a Ático que fizesse: que, mesmo sem ter assunto, escrevesse o que lhe viesse à ideia.”. Deve-se pontualizar que tal estilo é novo no mundo romano clássico, mas na Grécia do século V a.C. os filósofos faziam uso de epístolas para exporem as suas ideias. Em consequência, as *Cartas a Lucílio* não vão se

¹⁹ Sêneca escreveu a obra *Sobre a brevidade da vida* inteiramente dedicada ao bom uso do tempo e na *Carta* 1 das *Cartas a Lucílio* novamente abordará a importância do tempo na vida dos homens.

²⁰ Deve-se destacar que tal utilidade na turva visão de Sêneca é diferente da utilidade que Epicuro apresenta, pois se trata sim de uma utilidade espiritual. GAGLIARDI (1991), nos relata que em relação a questão da utilidade nem Sêneca e nem Cícero entenderam Epicuro, pois o Filósofo de Gargeto não pode ser entendido como alguém que pensa em fazer amizades pela utilidade. A utilidade de Epicuro é puramente espiritual, igual a utilidade que Sêneca usa em sua teoria.

diferenciar de um tratado filosófico para Sêneca, com a ressalva de que possuem uma relação de mestre e aluno na qual as cartas são meios para o ensino à distância.

Há como preocupação primeira o caráter didático. Sêneca quer tratar dos assuntos não de forma sequenciada, por exemplo, as cartas que tratam da amizade aparecem no Livro I (*Cartas* 3, 6, 9), Livro IV (*Carta* 35), Livro V (*Carta* 48) e Livros XVII a XVIII (*Cartas* 103 e 109), que geralmente estão muito distantes. Essa disposição epistolar está de acordo com a evolução de Lucílio e sabendo que, para melhor aceitação de seu discurso, será necessário o uso dos *exempla*. Na *Carta* 6,5 ele afirma: "... a via através de conselhos é longa, através de exemplos é curta e eficaz.". Sêneca foi um homem de seu tempo, assim sabe que uma filosofia para ser aceita em Roma deve ter utilidade prática e a melhor forma para demonstrar tal utilidade é apresentando exemplos no cotidiano de como se possa aplicar a referida teoria. Isso já havia sido feito por Panécio de Rodes²¹, que ao apresentar o estoicismo em Roma fez adaptações, oferecendo uma versão menos rígida do que era proposto por Zenão de Cítio, pois, para os romanos, a filosofia deveria ter uma linguagem clara, sem conter nada de obscuro, o que era comum na filosofia grega. Todavia, na *Carta* 6,6 não deixa de demonstrar certa admiração pela vida que Sócrates e Epicuro levavam, pois sempre destacou que seus exemplos de vida foram mais fortes que suas palavras.

Dessa forma, por mais que escreva cartas-tratado, não deixa de demonstrar traços da sua personalidade, pois nem sente problema em elogiar um pensador de uma escola rival como Epicuro. Portanto seu intento pedagógico é mais importante, assim tem uma postura eclética semelhante a Cícero. Isso demonstra que o Cordobês tem uma marca de querer demonstrar para o amigo o que é a verdade, independentemente de que isso venha a ser ruim para a o que tem como princípios ou que também seja ruim para a escola que defende, no caso a estoica.

Dado que toda ação humana pode ser qualificada como ética ou não, nota-se o seu perfil moralista, a partir do qual quer buscar a melhor ação possível para as mais variadas situações, sem esquecer o contexto em que se encontra e muito menos a situação do destinatário, buscando sempre se adequar da melhor forma possível.

²¹ Panécio (nascido em Rodes por volta de 185 a.C. e falecido no início do séc. I a.C.) tornou-se chefe da Estoá em 129 a.C. Aonde junto com o seu discípulo Possidônio fundaram o Médio-estoicismo. Foi responsável por diminuir uma aspereza ética, sustentando que a virtude sozinha não é suficiente para a felicidade. Também repudiou a apatia. Sua grande obra foi *Sobre os deveres* que influenciou diretamente Cícero na sua obra *de Officiis*. Sua importância também está no fato de ter levado no ano de 168 a.C. o Estoicismo para Roma.

De acordo com Sêneca, uma das características imprescindíveis para uma epístola é a brevidade. Em sua *Carta* 45,13, relata-nos que “... para não exceder a dimensão normal de uma carta, que não deve encher a mão esquerda do leitor, adiarei para outra discussão com os dialécticos, gente em excesso subtil, e cuja preocupação é esta, e apenas esta!”. Igualmente em sua *Carta* 85,1, que é bem clara em relação à extensão de uma carta quando foi indagado por Lucílio a revisitar todos os silogismos usados pelos estoicos. Lê-se: “Se eu me dispusesse a fazer o que queres, sairia daqui não uma carta, mas um livro!”. Uma epístola breve representa o exercício da moderação, o que já demonstraria tal virtude em forma de escrita.

Uma segunda característica é o emprego de uma linguagem familiar, *sermo familiaris*, todavia, deve ser direta e distinta da linguagem oratória e educada, pois, por ser de certa forma simples, não deve ser de maneira alguma descuidada. Deste modo, na *Carta* 75, 1-2:

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolgada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo que sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido!

Da mesma maneira, na passagem encontrada na *Carta* 38,1:

A conversação é sobremaneira útil, porquanto se grava no espírito a pouco e pouco; os discursos preparados e pronunciados perante um auditório, se se revestem de mais aparato, carecem de familiaridade. Digamos que a filosofia é um bom conselho: ora ninguém dá conselhos em público!

Nessa passagem, não só é reforçado o carácter familiar que deve ter a carta, como também apresenta a filosofia como sendo um conselho, e principalmente explica porque Sêneca escolheu o método epistolar para Lucílio, pois a carta sendo uma conversa entre dois amigos ausentes não pode ter linguajar complicado e ter certo carácter pessoal ao se ensinar Filosofia, pois a ética de Sêneca tem uma conotação preceptiva e os mesmos devem ser passados de forma pessoal e adaptados a situações pelas quais se encontram os amigos. Ao escrever uma carta, Sêneca pode fazer duras críticas ao estilo retórico vigente que era repleto de palavras complicadas, pouco objetivo e mais destinado ao entretenimento do que ao saber.

A carta tem um rigor quanto a sua forma, todavia quanto ao excesso da eloquência, não se tem nenhuma normatização que obrigue alguém a escrever de forma

altiloquente. Esse sim criticado por Sêneca e não a eloquência em si, ou da retórica grega sofisticada que era conhecida como aticismo não está obrigado a tê-los como regras basilares. Altiloquência seria uma forma exibida, e em nada objetiva, de escrever.

Outra característica que uma carta deve ter para Sêneca é o uso de palavras gregas, locuções em grego ou grecismos. Toda a cultura romana é receptora da cultura grega em geral, como a adaptação para sua cultura dos deuses gregos ou a recepção de palavras em seu vocabulário filosófico. E não apenas nas cartas, mas também em toda literatura romana clássica é possível encontrar palavras usadas em grego sem tradução, pois era difícil um pensador de qualquer área não saber a língua dos helenos.

No caso de Sêneca, o tipo de grecismo usado era o filosófico como aparece na *Carta* 89,7, “Sabedoria corresponde àquilo a que os gregos chamavam σοφία.”²². Sêneca não foi diferente dos outros pensadores romanos e possuía uma grande admiração pelos gregos. As citações de autores clássicos como Epicuro, Virgílio, Ovídio, Posidônio, Panécio e Platão são constantes em suas cartas e os assuntos mais recorrentes nas referidas citações são os que envolvem filosofia, e o seu objetivo que era o aperfeiçoamento moral. Sêneca não se importaria em fazer citações de autores de quaisquer escolas, até mesmo da rival epicurista, como descreve na *Carta* 8, 8: “Talvez me queiras perguntar por que razão te cito eu tantas belas máximas de Epicuro, em vez de as extrair dos nossos autores. Por que motivo, porém, devemos considerá-las de Epicuro, e não propriedade de todos?”²³. O seu objetivo maior é o seu intento pedagógico e pensa que o saber é universal e não pertencente a uma escola ou pensador.

Assim, tanto faz usar pensamentos de Epicuro ou de Publílio Siro, pois o saber é universal, não é patenteado por uma pessoa, povo ou corrente filosófica. Sêneca também investe muito no uso de máximas em suas epístolas. Tal atitude parece ser uma influência do Filósofo de Gargeto, pois o mesmo fazia largo uso delas para transmitir o seu pensamento filosófico. E o epicurista Diógenes de Enoanda mandou escrever as máximas principais do seu mestre nos muros da cidade de Enoanda, como forma de deixar a todos sempre cientes de quais seriam as máximas principais. Uma postura interessante, pois, ao invés de decorar

²² SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 89, 7 p. 433.

²³ IDEM, 8, 8 p. 20.

longos tratados, seria possível ter sempre em mente as suas ideias de maneira prática sem ter que interpretar páginas e páginas de pensamentos.

Agora, na prática, as máximas são úteis à filosofia? De fato, não se pode apresentar uma filosofia só de máximas, pois daria margem para muitas interpretações sem poder chegar a um todo de um pensamento. A função principal delas é de fixar os ensinamentos e não de apresentar ou de esgotar uma teoria filosófica. Elas poderiam fazer com que o pensamento de uma determinada escola tivesse um alcance para além dos seus portões, dado que uma pessoa pode não entender a filosofia de uma carta de Epicuro ou Sêneca ou lê-las parcialmente, porém decorar máximas é um caminho bastante acessível. Pensando assim, Sêneca apresenta máximas nas *Cartas a Lucílio* na tentativa de ajudar a fixar o que era principal e ensinar o que fosse apenas o indispensável²⁴.

Percebemos o uso de uma linguagem familiar e cuidadosamente escrita para que haja contradição entre as palavras em detrimento de uma escrita complicada. O que não quer dizer que sejam empregados discursos muito simples, pois o estilo de escrita é um reflexo da vida do autor. Mas se a carta for muito ornada, significa que o seu escritor também perde tempo com coisas supérfluas. A crítica está mais voltada a um entendimento errado do que é a linguagem em si. A *Carta* 114, 13 exemplifica o que ele quer criticar: “Muitos escritores há que usam palavras próprias de outros tempos e só se exprimem na linguagem da Lei das 12 Tábuas;”²⁵. A ostentação é o real problema para Sêneca, que o Cordobês busca a virtude na justa medida, na qual deve haver um equilíbrio para não acontecer excessos ou ausências, pois, para o Cordobês, a melhor forma de escrever não é a que é cheia de adornos, palavras complicadas ou qualquer coisa que diminua a fluência do texto, tão pouco seria virtuoso escrever de forma coloquial. A virtude está na justa medida, não se deve prejudicar a fluidez, mas não se deve fazer algo sem nenhum cuidado.

2.4 A melhor forma de tratar da amizade é por meio de cartas

Sêneca, em sua *Carta* 26, 7, descreve o porquê de tratar da amizade por meio das epístolas, pois “Aqui tens as palavras que digo a mim mesmo, mas toma-as como se também

²⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 15 p. 608.

²⁵ IDEM, 114, 13 p. 632 e 633.

fossem dirigidas a ti.”. Fica claro que Sêneca entende que a carta é uma reflexão pessoal, feita necessariamente com o amigo. Sem o amigo como força motriz da carta, não haveria nem mesmo a sua necessidade, pois se sabe que a sabedoria estoica era de difícil realização e que o proficiente (*proficiens*)²⁶, necessita de amigos. Com a carta, o amigo sempre está espiritualmente presente, como o interlocutor com quem se conversa. Como detalha na *Carta* 64, 1: “Ontem estive na nossa companhia. ‘Apenas ontem?’. Não te queixes: repara que eu escrevi ‘na nossa companhia’, o que significa que na *minha* estás tu sempre!”. Lembrado que ele mesmo se diz na condição de *proficiens*. Sêneca está exercendo o altruísmo, algo possível porque é uma característica da amizade, ao querer educar Lucílio. Há um cumprimento dos deveres da verdadeira amizade (*vera amicitia*) ao ser usada a carta, pois Sêneca está passando todo o seu conhecimento a Lucílio, segundo a *Carta* 6, 4: “Eu não desejo outra coisa senão transmitir-te toda a minha experiência...”. O amigo serve para que Sêneca consiga praticar a virtude, não pensando no amigo como alguém que possa ajudá-lo em alguma eventual necessidade.

As amizades ocorriam por conta de interesses que, na maioria das vezes, eram políticos. E nas sociedades clássicas, sejam elas gregas ou romanas, o homem se efetiva na sociedade, pois não pode haver o animal político se não houver deliberação. O homem só se efetiva em sociedade no caso do período clássico grego *pólis*, e no caso do romano *urbe*, e isso faz com que muitos dos filósofos tenham tratado da amizade por conta da sua importância. Outra motivação para que filósofos como Platão e Aristóteles tenham tratado da amizade é a sua importância política.

Platão trata da amizade no diálogo *Lisis* para resolver a questão política da antinomia dos rapazes. Em Aristóteles, nos Livros VIII e IX de sua *Ética a Nicômaco*, a amizade é tratada novamente como interesse político, pois o Estagirita entende que se zela mais pela amizade do que pela justiça. Cícero somente consegue ver uma amizade entre os aristocratas. Sêneca quer ir além da questão política. Ele amplia o conceito de amizade, por

²⁶ São aqueles que iniciaram os estudos de filosofia e estão em maior ou menor grau no caminho da sabedoria. Já não se encontram na condição de não sábios. Para o estoico antigo, os homens dividem-se em dois grupos: Sábios, *sapientes* e *stulti*, não sábios. Os primeiros são felizes e possuem o saber, já os segundos nem mesmo iniciaram a busca pela sabedoria, que o sábio (*sapiens*) já possui. A noção de *proficiens* aparece no médio estoicismo com Panécio.

exemplo: clientes²⁷ poderiam ser chamados de *amicos*; também *amicus* poderia ser o protetor²⁸; o preceptor também poderia ser chamado de amigo e havia a figura do conselho de amigos²⁹. Assim, Sêneca, estando a par de tudo isso, quer encontrar as características da verdadeira amizade.

No relacionamento de um nobre com um liberto só poderia haver clientelismo, e até mesmo os relacionamentos entre nobres, com a alcunha de amizade, se pareciam muito mais com o relacionamento entre patrono e cliente. Em uma sociedade com profundas desigualdades, tratar sobre a amizade faz com que se tenha uma noção de igualdade. Sêneca está em busca de algo que seja duradouro e que não se desvaneça com facilidade. E não se pode esquecer que para VEYNE (2009: 12-13), o “... Império Romano é a civilização helenística nas mãos brutais... de um aparelho de Estado de origem italiana.”. Sêneca tinha consciência da sociedade na qual se encontrava, mas, ao filosofar, leva em consideração essa imperfeição do ser humano na figura da sociedade romana.

Sêneca filosofa sobre relacionamentos superficiais como os de patronos e clientes e afirma que essas relações não são diferentes das amizades “oportunistas” que encontram o fim assim que cessa a necessidade utilitarista que a gerou.

Em suas reflexões, Sêneca entendeu que amizade era uma das principais formas de relacionamento. Mas o que fazer se o amigo encontra-se longe de você? A resposta, segundo o autor, é escrever-se através de epístolas para que a sua ausência seja pouco sentida. Apesar de as cartas no período clássico terem uma estrutura rígida quanto a sua forma, pois, como exercício retórico exige condições muito precisas em sua escrita para surtir efeito, em relação ao seu conteúdo, não era bem assim. Essa é uma situação bastante evidente na *Carta*

²⁷ Clientes são homens livres que vêm fazer corte (*obsequium*), ao pai de família e orgulhosamente se proclama seu cliente; é rico ou pobre, poderoso ou miserável, às vezes mais poderoso que o patrono ao qual saúda. E Sêneca de forma alguma considerava os clientes como amigos, como observa nas obras *Sobre a Brevidade da Vida* II, 4: “Muitos possuem um grande número de clientes, mas nenhuma liberdade.” ou *Dos Benefícios* 6.33.4: “E então? Você acha que esses livros de anotações, que nem a memória do nomenclator, nem suas mãos pode facilmente realizar, contêm listas de amigos? Aqueles que não são amigos que, em uma longa fila, bater à sua porta, que são divididos em primeira e segunda audiências.” Nomenclator era um escravo com a função de listar os nomes dos clientes e lembrá-los ao patrono. E 6.34.2: “Entre nós era Caio Graco e Livio Druso que foram os primeiros a se separar em grupos de sua própria multidão de visitantes e receber alguns em particular, alguns em um grupo, e outros grupos. E então eles tinham amigos de primeira ordem e os amigos de segunda ordem, mas nunca tinha amigos verdadeiros.”

²⁸ Poderiam ser os notáveis de cada cidade, o patrono ou a pessoa na qual o Censorino dedicava o seu livro. Censorino foi um gramático romano na época da Roma imperial.

²⁹ Os senhores, chefes de uma casa, eram os integrantes que se reuniam para tomar decisões importantes e privadas assim não seriam criticados.

9, em que o Lucílio questiona se uma pessoa, autossuficiente, como o sábio, teria necessidade de ter amigos? Para sanar a dúvida do amigo, Sêneca acaba por escrever uma carta que não havia programado.

A amizade em Sêneca não ocorre de maneira sequenciada. E mesmo em cartas que esse é o tema predominante, não há um rigor em abordar apenas um tema específico.

Os seus teores não prescindem de uma ordem completa, única. Sêneca não vai escrever todo conteúdo sobre amizade em sequência, pois estava escrevendo epístolas que lhe permitiam escrever de acordo com o momento oportuno, e até mesmo quando Lucílio tinha dúvidas sobre determinadas questões. Por exemplo, a *Carta 9* surge de um questionamento do amigo de Sêneca. Como nas cartas há uma liberdade para separar os assuntos, surge a *Carta 9* que demonstra a relação do sábio com a amizade com outros homens inferiores, mas que talvez não fosse algo que Sêneca tivesse absoluta certeza de que comporia o seu epistolário sobre a amizade.

Há uma forte tradição epistolar antes de Sêneca, com autores como Platão, Aristóteles, Epicuro e Cícero que fizeram uso das epístolas em seus escritos. O que se pode notar é que todos os grandes nomes da Filosofia antiga tinham escrito desta forma. O que faz crer que seja não o principal motivo para Sêneca, mas um item de certa relevância, pois Platão e Aristóteles não são famosos por suas epístolas, porém essas também são muito importantes no seu *corpus*. Platão e Aristóteles foram os maiores filósofos da antiguidade, e tudo o que escreveram foi muito importante para a filosofia de Sêneca. Além disso, Epicuro dá uma relevância ainda maior ao gênero, utilizando-o em seus mais relevantes escritos.

Cícero é o principal autor com quem Sêneca dialoga, não sobre a amizade apenas, mas sobre tudo, em relação à Filosofia. Cícero não escreveu cartas-tratado, pelo contrário, não se tem a certeza de que o autor pretendia que seus textos fossem publicados. Já Sêneca, faz um tipo de carta diametralmente oposta a que Cícero havia feito, com conteúdos pensados e escritos depois que houvesse um trabalho em sua elaboração. Assim, consegue o feito da originalidade na Roma Imperial, sem esquecer que foi um método usado pelos gregos, mas que passava, até então, por um hiato longo e de certa forma não muito bom para sociedade, pois algo de tamanha importância não poderia ter passado tanto tempo sem ser apreciada como forma de filosofar. Pois era um recurso muito admirado e utilizado pelos romanos no dia a dia.

Apresentar uma grande habilidade para escrever filosofia nos mais diversos gêneros textuais: esta foi uma qualidade que Sêneca sempre demonstrou ter. Não se deve esquecer de que, em vários momentos, é demonstrada uma forte admiração tanto na parte escrita como na oral por Papírio Fabiano que, para Sêneca, é o grande exemplo a ser seguido como se pode constatar na *Carta* 40,12: “Fabiano, homem notável tanto pela integridade da sua vida como pelos seus conhecimentos, e também pela eloquência...”³⁰, e *Carta* 52, 11: “Fabiano costumava dissertar em público, mas era escutado com respeito.”³¹, ou na *Carta* 100, 2: “...Fabiano não me parece “verter” frases, mas sim deixá-las fluir, e o resultado é um estilo amplo, sem rugosidades, mas, ao mesmo tempo, não desprovido de energia.”³². Como demonstra Sêneca, Papírio Fabiano não estava preocupado com elementos pequenos como as palavras. Para ele, era importante sim o seu impacto, o que é explicitado na *Carta* 100, 10: “O que pretendes é meter Fabiano em cuidados com algo de menos importância: as palavras,”³³.

Em suma, pode-se constatar que a escolha pelas epístolas não foi algo casual ou sem uma grande reflexão por parte de Sêneca. Há, desde a Grécia Clássica, a utilização de cartas pelos mais diversificados motivos, mas para Sêneca o que lhe influenciou foi ter havido toda uma tradição filosófica de uso de epístolas para a transmissão do pensamento filosófico.

Há também certa dialética em seu pensamento, pois é perceptível nas epístolas não só a tentativa de persuadir Lucílio, mas também a de açambarcar a humanidade em sua totalidade. O que consiste em inserir qualidades e defeitos do gênero humano. Isso é um dos pilares do seu pensamento, pois quer buscar a essência da amizade. Pode até partir de uma visão aristocrata, mas, mesmo assim, busca a *vera amicitia* e não quer apenas as teorias, quer entender a amizade no dia a dia. Quer a amizade no ato e não algo apenas metafísico. E a carta permite esse movimento dado que não está estanque a uma sistematização teórica.

A virtude (*virtus*) é um ideal moral romano PEREIRA (2009). Ela é importante para o ser humano demonstrar o seu valor, independente do Estoicismo. Sêneca entende a amizade como uma comunhão de virtudes, e escreve isso depois de ter sofrido muito com o conturbado reinado de Nero. Há um tom de crítica a toda sociedade romana que até adota a

³⁰ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 40, 12 págs. 139 e 140.

³¹ IDEM, 52, 11, p. 179.

³² IDEM, 100, 2, p. 549.

³³ IDEM, 100, 10, p. 551.

virtude, mas de fato não a pratica, sendo até mesmo capaz de entender que a relação entre clientes e patronos seja de amizade. O reflexo desse certo pesar em relação a sua vida na dinastia Julio-Claudiana é latente nas cartas de amizade 3, 4: “Não devemos fazer uma coisa nem outra; qualquer delas - ou confiar em todos ou não confiar em ninguém - é um erro; apenas diria que a primeira é um erro mais honroso, e a segunda, mais seguro.”³⁴ e 103, 1: “Nas relações humanas, porém, o perigo é coisa de todos os dias”³⁵. Ele ressalta um cuidado que se deve ter ao se estabelecer o vínculo da amizade, sem deixar de fazer uma forte menção à confiança como algo basilar para amizade, que demonstra estar abalada, mas nunca indesejada.

A reflexão filosófica não é um ato isolado, não se faz filosofia sozinho; o outro é de suma importância para se chegar a uma teoria, haja vista Platão que passa todo o seu pensamento em forma de diálogos. E isto quer dizer que para Platão a filosofia é movimento, não é algo estanque e há uma necessidade de pelo menos um interlocutor para que se faça filosofia. A maneira de escrever os seus diálogos faz com que haja uma ênfase de que a forma de escrita que estava sendo feita torne o seu autor bastante único, pois demonstra que a filosofia pode ser feita de maneira não dogmática, pois um filósofo dogmático, normalmente, tem um pensamento estanque, achando que já possui dentro de si a verdade e que não precisa somar em seu conhecimento. Já Platão já a havia observado que não se pode haver um tratado sobre o mundo, logo, sua filosofia não é estática, pelo contrário sendo puro movimento na forma de diálogo aonde os personagens vão chegar a conceitos num jogo de argumentos que não é obrigado a chegar a uma verdade estanque, pois mesmo para o homem contemporâneo conhecimento não chegou ao seu fluxo final. Diálogo tem a sua maneira de escrita é composta pelo plano dramático, nesse plano é direcionando a conversa filosófica para planos específicos e são situados para o leitor os personagens aonde será levado um tema que normalmente é geral, no sentido de cotidiano, para um sentido mais universal e pelo plano argumentativo que são os argumentos filosóficos para explicar os diferentes temas. O que demonstra que a reflexão filosófica não é uma atividade solitária e Sêneca também coaduna com essa ideia. E ainda pode ser questionado se cartas não são nada além de diálogos entre ausentes?

³⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 3, 4, p. 5.

³⁵ IDEM, 103, 1, p. 568.

O que há de ser notado é que as epístolas são o que há de mais próximo possível de um diálogo. E, para Sêneca, o refletir se faz com o amigo, neste caso Lucílio. Lembrando que a sua *amicitia* é uma visão que não deixa de ser estoica, e o seu caso de amizade com Lucílio é diferente da amizade entre sábios ou da amizade entre um sábio e um *proficiens*, pois sabe-se que o sábio é capaz de ter uma vida feliz sem amigos. Este mesmo é que é extremamente difícil de ser encontrado ou até mesmo de existir, mas o *proficiens* precisa de amigos para viver e ter a *vita beata*. Uma outra característica que faz com que a escolha por Sêneca seja pelas epístolas é o fato de serem curtas, pois é mais fácil entender uma breve epístola do que um longo tratado.

O seu objetivo, neste caso, é uma doutrinação. Se for apresentada de forma muito longa corre o risco de ser enfadonha e de difícil entendimento. A carta, por ter uma extensão curta, em alguns momentos fica complicado o seu entendimento e até mesmo Lucílio tinha a liberdade de sanar suas dúvidas em cartas posteriores. No caso de um tratado, não haveria tal possibilidade. Assim, não há uma melhor forma para se tratar da amizade senão por meio das epístolas.

3. A AMIZADE EM SÊNECA

O coração sábio procura o conhecimento, mas a boca dos insensatos se apascenta de estultícia. (*Provérbios* 15:14).

No capítulo anterior pode ser constatado que Sêneca optou por escrever sobre a amizade em forma de epístolas por pensar que essa seria a melhor forma de abordar o assunto. Agora será tratada as cartas que compõem a temática da amizade em Sêneca.

A amizade é um tipo de relação humana cara a Sêneca, pois é uma das primeiras formas de virtude, se dando fora do elo familiar, e o seu exercício torna melhor os seus praticantes, havendo a possibilidade de os amigos serem capazes de aprimorarem o saber mutuamente, dado que não há homens oniscientes.

Outra questão prestimosa a Sêneca é o fato de a amizade resolver um problema principalmente do sábio, mas que pode acometer outras pessoas também, que é o isolamento. Sêneca foi um político de grande destaque e sabe que o isolamento é nocivo ao ser humano, tendo o pensamento de que o homem por natureza tende a *societas*, como destaca na *Carta* 48, 3: “A convivência, - observada com nobre e contínuo empenho, - que nos insere como homens entre outros homens e admite a existência de algo comum a todo gênero humano,”. Observa-se, portanto, que, para o filósofo, o homem só se efetiva como tal, em sociedade, convivendo com os seus semelhantes. Outra questão a ser observada é que o isolamento seria capaz de ameaçar o gênero humano como tal. Pois haveria uma negação da condição de ser humano, na qual a família estaria ameaçada, porque não se teria uma vontade pela formação da família e por consequência a sociedade.

Nesse sentido, ideais morais próprias da Roma clássica como *humanitas*³⁶, *fides* e *clementia*³⁷ teriam a sua prática inviabilizada. Todo esse isolamento seria capaz de provocar uma ausência de elo, conexão entre as pessoas, dado que não há uma possibilidade de sentimento entre os homens que se encontram isolados. Esse sentimento de ausência de

³⁶*Humanitas* é a noção de existência de um vínculo comum que une todos os seres humanos. É a civilidade que se opõe à crueldade primitiva.

³⁷ Para o romano *clementia* era um termo político da esfera pública e privada que correspondia a compaixão arbitrária, não era condicionada por uma lei, sendo demonstrada de um superior para com um inferior. Sêneca tem uma obra com esse título *De Clementia* que se trata de uma obra educativa destinada ao seu aluno o Imperador Nero. Uma observação a ser feita é que para Sêneca a clemência, que não era uma virtude estoica, é uma virtude exclusiva do Imperador. O bom governante deveria saber o momento certo de ser clemente.

sentimentos para com o próximo faz que haja uma iminência de violência, pois não dá para haver preocupação com alguém por quem não se tem algum tipo de sentimento, lembrando que o sábio não seria capaz da prática violenta, mas o homem comum sim.

Em grego, a amizade se chamava *philia*, este termo deu origem a vários outras palavras, tais como, filantropia (*philantropia*), amizade por muitos (*poliphilia*) e filosofia (*philosophia*). O que nos leva a outra motivação senequiana para tratar da amizade. Para o filósofo, a amizade é um modelo de vida ideal, pois há a prática da filantropia através da transmissão de saber.

Dessa forma, a amizade é restituída a sua autônoma dignidade, mas salvando por outro lado o sentimento estoico tradicional do amor natural entre os homens, e a *poliphilia* é uma extensão da *philia*³⁸ que se pretende acabar com a impessoalidade e também com a conotação individual, que era importante para os estoicos antes de Sêneca. O Cordobês pouco trata da *poliphilia*. O seu aparecimento mais relevante é na *Carta 9*, onde chegará ao entendimento que se a amizade é algo bom, então fazer novas amizades é algo que é agradável. O que não deixa de também ser uma superação à filantropia do sábio da antiga *Stoa*, pois ela se caracterizava como uma ideia de uma comunidade universal em que existe um amor pela humanidade. A superação ocorre no momento em que na *poliphilia* há uma vontade que impulsiona o sábio em direção ao outro homem para estabelecer laço de amizade. Então, o *sapiens* que se preocupa com a relação amistosa é mais humano e interage mais em sociedade. E não apenas quer bem a todos.

Para eles, de fato, a *philia* se confundia e era eclipsada pelo sentimento indefinido da filantropia do sábio perante o ser humano, uma elevação do impulso natural presente do homem a viver em sociedade (*οικείωσις*), enquanto a única amizade admitida era aquela entre os sábios, da qual, porém eliminavam todo traço pessoal, fazendo dela exclusivamente busca da virtude e amor para todos os indivíduos bons que a cultivavam. Sêneca quer tornar a amizade em algo mais real e prático, contudo não quer que ela deixe de ser um sentimento elevado.

Como destacamos, Sêneca tem motivos bem claros para abordar o tema *amicitia* ao longo das 124 cartas. Apesar dessa abordagem não ser sequencial, pois as sete cartas que têm a amizade como assunto principal não aparecem de forma seguida, ela se mostra linear.

³⁸ Os termos *philia* e *amicitia* serão usados de forma indistinta e tendo o mesmo sentido.

Em uma análise feita por GAGLIARDI (1991) é afirmado que se pode notar uma gradação do pensamento de Lucílio em relação ao tema da amizade. E afirma que para tal entendimento das epístolas sobre a amizade, é necessária uma análise do método pedagógico senequiano, utilizado nas cartas escolhidas para tratar do assunto da amizade, sendo elas as cartas: 3, 6, 9, 35, 48, 103 e 109.

A *Carta 3* é a primeira a tratar da amizade. Nela é apresentada a teoria da confiança e conselhos práticos na escolha dos amigos. No seu método pedagógico de conversão de Lucílio ao estoicismo, Sêneca não critica Epicuro, pois não quer gerar antipatia em seu amigo. Até mesmo faz uso do pensamento epicurista para apresentar a filosofia estoica.

Na *Carta 6*, Sêneca apresenta a relação ideal da amizade, cuja força é individualizada no recíproco alegramento (*gaudium*) e na completa comunhão espiritual dos amigos. Também apresenta elemento nuclear da amizade que é a utilidade (*prodesse*), e outros elementos da amizade como a comunhão (*koiná tá philon*) e a convivência/trato comum (*convictus*). E no final apresenta as primeiras críticas a Epicuro, porém diluídas pela exaltação da *philia* vivenciada no Jardim.

A *Carta 9*, que não foi prevista por Sêneca, pois surge de um questionamento de Lucílio, tenta solucionar o conflito entre a autarquia do sábio e o seu desejo de ter amigos. E a contenda com Epicuro irá ganhar tons mais ásperos, que culminaram nas *Cartas 35* e *48*.

A *Carta 35* trata da igualdade entre pessoas com pensamentos afins. E de fato é uma continuação da *Carta 6*, onde ideias como *convictus* e *gaudium* serão novamente abordados dando mais desenvolvimento a referidos elementos da *amicitia*.

A *Carta 48* não trata somente da amizade, mas apresenta a tendência natural do homem a ter amigos e mais uma vez, assim como aparece na *Carta 35*, o cume da disputa anti-epicurista.

A *Carta 103* apresenta o homem sobre uma perspectiva pessimista e os perigos que são estabelecidos na convivência.

A *Carta 109* é o ponto alto da teoria senequiana sobre a amizade e irá tratar da amizade entre os sábios, ou entre os *proficiens*³⁹. É uma carta sem pontos polêmicos com Epicuro, uma vez que Sêneca considera a conversão de Lucílio ao estoicismo completa.

³⁹Assim entende GAGLIARDI no seu livro *Un legame per vivere (Sul concetto di amicitia nelle lettere di Seneca)* p. 31.

Lembrando que a pesquisa não ficará restrita a esse número determinado de cartas, pois toda a obra *Cartas a Lucílio* teve a sua causa geradora na amizade que Sêneca nutria pelo seu amigo que estava distante. E o mesmo não abandona completamente o assunto em outras cartas. A seleção de epístolas têm a sua razão de ser por tratar de uma evolução de pensamento sobre a *amicitia*.

3.1 Carta 3 (Sobre a verdadeira ou falsa amizade)⁴⁰

A *Carta 3* é a primeira a tratar da amizade e não faz uma clara distinção entre a doutrina estoica e os ensinamentos de Epicuro. Ainda não há uma investida anti-Epicuro, nem mesmo uma grande preocupação em delimitar o pensamento estoico, limitando-se em apresentar conselhos práticos e uma teoria sobre a confiança.

Todavia, faz-se necessário compreender um ideal político e moral de Roma que é a *fides*, fé ou confiança, que está no centro da sua ordem social e legal. “Esta *fides* é um juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto bem firme.⁴¹” Então é interessante notar que, antes de Sêneca, já havia uma forte cultura romana em relação à confiança (*fiducia*)⁴². O Cordobês não só sabia da importância da confiança para o romano como vai dar-lhe um lugar de destaque em sua teoria, tornando-a fundamental para uma *vera amicitia*, pois é um dos elementos consequentes do *prodesse*⁴³ e originados do seu desinteresse; o outro elemento é a alegria (*gaudium*).

Sêneca inicia a *Carta 3* criticando a postura de Lucílio que chama de amigo alguém em que não confia, pois assim nos relata na *Carta 3,1*: “Dizes-me que entregaste a carta a um amigo teu, para me trazer, mas em seguida aconselhas-me a não trocar impressões com ele sobre quanto te diz respeito, pois nem tu próprio o costumavas fazer.” Ao começar a carta com uma repreensão a Lucílio, Sêneca está demonstrando como entende não só a

⁴⁰ Sêneca não intitulou as suas cartas, mas para um maior entendimento dos assuntos tratados nas epístolas serão intituladas de acordo com a tradução para o inglês feita por Richard M. Gummere em 1916.

⁴¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume - Cultura Romana*. 4ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

⁴² Sêneca usa duas palavras no sentido de confiança: o verbo *credo*, Ep. 3, 2 “*Sed si aliquem amicum existimas cui non tantundem credis quantum tibi...*” e o substantivo *fides*, Ep 3,3 “*Fidelem si putaveris, facies; nam quidam fallere docuerunt dum timent falli, et illi ius peccandi suspicando fecerunt.*”.

⁴³ Sua definição e importância serão explicadas mais adiante. Por enquanto pode ser entendido o núcleo central da *vera amicitia*. O que faz com que a amizade seja completamente desinteressada e livre de qualquer traço utilitário.

amizade, mas também a filosofia, pois amizade é atividade, ato, isto é, um fundamento prático da *amicitia*.

A confiança é uma inclinação natural ao bem, além de uma iniciativa no empreender uma amizade; daí seu caráter ativo, que faz com que, ao se demonstrar total franqueza, haja uma fidelidade mútua. Depois da repreensão a Lucílio, Sêneca faz uma crítica em relação à banalização da palavra “amigo”. Assim na *Carta 3,1* é demonstrado que:

...se tu usaste esta palavra não no seu verdadeiro sentido mas antes em sentido genérico, e lhe chamaste “amigo” tal como a todos candidatos nós chamamos “respeitáveis cidadãos”, ou como às pessoas que encontramos e cujo nome nos não ocorre, cumprimentamos como “senhor fulano” ainda é aceitável;...

A essa crítica tem a sua razão de ser no sentido de indicar que sempre que houver o uso indiscriminado da palavra amizade, ocorrerá de não se encontrar a sua verdadeira essência, já que um lastro muito grande de pessoas pode ser agraciado com o qualificativo de amigo.

A verdadeira amizade não se dá a esmo. E nas palavras do Cordobês na sua *Carta 3,2*: “... após o início da amizade, há que ter confiança... Pensa longamente se alguém é digno de que o incluas no teu número de amigos; quando decidires incluí-lo, então recebe-o de coração aberto e fala com ele com tanto à vontade como contigo próprio.” Nesta citação, encontra-se uma forte influência do filósofo e orador Cícero⁴⁴, a saber a parrésia, aquela fala aberta, confessional mesmo, a franqueza no falar⁴⁵. Cícero destaca a sua importância como elemento tão fundamental para a amizade que sem ela seria impossível a sua existência, pois “é próprio da verdadeira amizade dar e receber advertências, dá-las francamente e sem rudez, recebê-las com paciência e sem mau-humor”⁴⁶. E somente a parrésia faz com que se

⁴⁴ Cícero entende que a amizade é um laço mais forte que o da própria família, aquela deve haver o bem querer e o amor, dado que o laço familiar pode continuar sem amor ou bem querer. Além do bem querer se deve ter igualdade, confiança e reciprocidade. Para o Arpinate não há amizade entre pessoas más, somente os bons podem ter amigos. O que se justifica quando define a amizade como uma suma harmonia entre as coisas divinas e humanas, logo a referida consonância nunca poderia ocorrer entre homens maus que não têm nada de divinos.

⁴⁵ Paula Barata Dias na introdução da sua tradução da obra de Plutarco - *Obras Morais: Como Distinguir um Adulador de um Amigo Como Retirar Benefício dos Inimigos Acerca do Número Excessivo de Amigos*, apresenta a parrésia como franqueza no falar, destacando que na Roma Imperial o falar francamente é uma virtude privada que reforça os laços de amizade, pois na Grécia Clássica a parrésia era uma instância política que fundamentada a igualdade no direito de do cidadão grego se manifestar nas assembleias. O que já não se reflete na cultura romana que ao fazer uso da parrésia deve o momento mais oportuno para a manifestação do falar francamente, que o grego chamava na antiguidade de *kairos*, porque o excesso de parrésia é um erro.

⁴⁶ CÍCERO. *Da Amizade*, XXV, 91, p.75.

demonstre na prática que há confiança, pois não se pode falar francamente com um cliente ou com um escravo, somente será possível com aqueles amigos com os quais se tem uma plena e reta confiança. *Fiducia* é para Sêneca agir e não receber; em uma atitude desinteressada deve-se confiar no amigo e não esperar que ele ou outros amigos confiem primeiro para só depois confiar, pois a ação de confiar vai gerar confiança, e somente assim poderá ser compartilhado “... todos os teus cuidados, todos os teus pensamentos”⁴⁷.

Para não ocorrer o erro que Lucílio cometeu ao escolher mal os seus amigos, Sêneca faz uso de um pensamento de Teofrasto na *Carta 3, 2*:

Confundem as obrigações inerentes a este princípio aqueles que, ao contrário dos ensinamentos de Teofrasto, formulam juízos depois de iniciada a amizade, e não estabelecem relações de amizade depois de formularem juízos.

Para escolher certo, é necessário o uso da prudência, pois depois de iniciada a amizade deve-se abrir completamente para o amigo e confiar nele como em si próprio. Cícero já havia tido tal preocupação, como demonstra no *Da Amizade, XXII, 85*: “... o amor só deve nascer após o exame, não o exame após o amor”.

Em relação aos pensadores que trataram da amizade, somente Epicuro havia entendido a confiança como condição base para a *philia*. Como Sêneca está ainda querendo parecer simpático a Lucílio em relação ao Filósofo do Jardim, pois Lucílio ainda não tomou partido pelo estoicismo, ser simpático às teorias de Epicuro é uma ótima estratégia de conversão ao estoicismo; dessa forma não aparentará ser antipático, mas sim um verdadeiro cavalheiro. Assim pensa Epicuro, na Sentença Vaticana nº 28: “Não se deve dar por bons nem aos predispostos à amizade, nem aos lentos para aceitá-la, mas que é mister ganhar a satisfação da amizade ainda que seja às custas de certos riscos”. Epicuro demonstra que a desconfiança que se tem em relação ao homem deve ser dirimida pela satisfação que a amizade proporciona.

⁴⁷ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 3, 3, p. 5.

Mas no período de redação das *Cartas* que vai de 62 - 64 d.C., Sêneca está com uma idade já avançada e cada vez mais prudente⁴⁸ em relação à vida, pois havia sofrido com o exílio e também com a acusação do Imperador Nero que havia ajudado a instruir. Este mesmo seria o responsável pela sua morte ao acusar o Cordobês de participar da conjuração de Pisão⁴⁹ em 65 d.C.. Foi um momento histórico conturbado que envolveu muitas traições das quais o próprio Sêneca foi vítima. Assim falar francamente resultante de uma confiança completa e plena parece ser uma atitude ingênua, e Sêneca se dá conta. Portanto, justifica-se a presença de ideias antagônicas na mesma carta, ou seja, confiança e desconfiança.

Em conclusão, o filósofo define ambos os excessos como vícios, e se posiciona favorável à confiança, classificando-a como uma forma mais honesta de viver. Destarte Sêneca na *Carta 3,4* demonstra seu pensamento sobre o confiar e o desconfiar:

Há quem conte ao primeiro passante aquilo que apenas se deve confiar aos amigos, e confie aos ouvidos de qualquer um o segredo que o consome; a outros, pelo contrário, repugna dar conhecimento ainda aos amigos mais íntimos e, se pudessem, não confiando sequer em si mesmos, interiorizariam tanto quanto possível todo o segredo...qualquer delas - ou confiar em todos ou não confiar em ninguém - é um erro; apenas diria que a primeira é um erro mais honroso, e a segunda, mais seguro.

Apesar de tratar da desconfiança, Sêneca não abdica do seu oposto, pois sua confiança tem uma essência ativa, generosa e desinteressada que irá gerar segurança no amigo. Todavia ter cautela nas relações humanas não é algo negativo para o Cordobês.

Contudo, os cuidados que se devem ter ao se relacionar terão um maior desenvolvimento na *Carta 103*, que representará a sua maior inovação, fruto do conturbado momento histórico.

O encerramento da *Carta 3* é uma apologia à prudência, pois assim destaca no final de sua *Carta 3, 6* :“Há que dosear as duas coisas: importa agir mesmo mantendo a calma, importa manter a calma mesmo quando se age. Confronta a tua atitude com a natureza:

⁴⁸ Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, no Livro VI, 5, 1140 a1 25 entende a prudência como sabedoria prática na qual é possível chegar a uma definição pelas pessoas nas quais a creditasse. “Ora, tem-se como característica do homem prudente ser ele capaz de bem deliberar sobre o que é bom e proveitoso para si mesmo, não num ramo em particular - por exemplo, o que é bom para sua saúde ou vigor - mas o que é vantajoso ou útil como recurso para o bem-estar em geral.” O homem prudente tem as suas ações guiadas pela justa medida, em consequência, não se deixa guiar por vícios ou extremos. Destarte, a prudência aristotélica ecoa na teoria da confiança de Sêneca.

⁴⁹ Foi uma tentativa de substituir o Imperador Nero por Caio Calpúrnio Pisão. Sêneca e seu sobrinho, o poeta, Marco Aneu Lucano foram acusados de fazer parte da referida conspiração.

esta te dirá que criou igualmente o dia e a noite”. Ação e razão devem caminhar juntas a todo tempo e momento, e na amizade não é diferente.

3.2 Carta 6 (A sabedoria se divide com o amigo)

A Carta 6 dá sequência ao tema da amizade e a conversão de Lucílio ao estoicismo.

Sêneca, na Carta 6, 1 se apresenta como alguém que busca a sabedoria e não como um sábio, assim não se colocando muito distante de Lucílio, pois, desde Platão, para se ter amizade deve haver reciprocidade⁵⁰. E também é uma forma de realçar que é uma pessoa que busca a sabedoria (*proficiens*), assim como seu amigo Lucílio, e não o ser divino que é o sábio do primeiro estoicismo,⁵¹ irrealizável para o homem. Sêneca já havia se apresentado como *proficiens* na sua obra *Sobre a Vida Feliz* 17, 3-4, na qual apresenta um juízo moral que oferece sobre si mesmo: “Eu não sou sábio e... nunca serei. Exija, pois, de mim, não que eu seja igual aos melhores, mas apenas melhor que os maus; a mim me basta cortar a cada dia um pouco dos meus vícios e repreender os meus extravios.... estou submerso em todos os vícios...”. Desta forma, ele continua tendo uma postura de não ser antipático e ter uma verdadeira amizade com Lucílio.

Segue colocando na prática a sua teoria da confiança ao dizer para Lucílio na Carta 6, 2 que “Desejaria compartilhar contigo esta súbita mudança operada em mim”. Sêneca pensa ser muito importante a prática e sua atitude serve como *exempla*, apresentando assim um dos pressupostos da verdadeira amizade que é a comunhão, que deve ser inteiramente espiritual⁵², pois não pode ter nenhum traço de um utilitarismo puramente material, ou para os gregos o *koiná tá phílon*.

⁵⁰ PLATÃO. *Lísida*, 212d, p. 170: “Ou nenhum será amigo do outro, se não houver reciprocidade de afeição? Quer parecer-me que a última hipótese é a verdadeira. Concluimos, então, agora por maneira diferente do que fizemos antes. O que assentamos primeiro foi que ambos eram amigos, embora apenas um deles amasse; mas agora concluimos que nenhum será amigo, se ambos não se amarem. Parece que é assim mesmo, respondeu. Neste caso, o amante não poderá ser amigo, se não for correspondido.”

⁵¹ DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*, VII, 119, p. 208: “Os sábios são criaturas divinas, pois têm em si, por assim dizer, a divindade.”

⁵² SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 14, p. 607: “Tal comunhão é um dos elementos que tornam o *sapiens* útil, pois “... o sábio será útil graças à prática em comum do bem moral e à união que se estabelece entre os pensamentos.”

Assim, para a comunhão espiritual ter validade, deve ser inteiramente desinteressada, o que consiste em desejar e rejeitar as mesmas coisas. Essa comunhão espiritual apresenta duas fases: uma de partida, *communicare*, compartilhar, e uma de que é a comunhão completa, *omnia communia habere*,⁵³ tudo é comum entre ambos os amigos. Sugerir a um membro da nobreza que tudo seja compartilhado é uma atitude muito ousada, pois vale destacar que as relações da Roma imperial não se davam a esmo, tudo girava entorno da utilidade material, como a relação de patronato que era puramente utilitária no sentido material. Sêneca denota que uma verdadeira amizade deve ir além do que Lucílio está acostumado a ver em seu meio. Pelo menos com o amigo, não se deve ter amarras; deve-se sim dividir tudo espiritualmente.

Communicare é o resultado da confiança em que, em ato, demonstra-se que a pessoa que compartilha tem o amigo como alguém em que acredita plena e retamente. Além disso, ao mesmo tempo, demonstra que há igualdade moral entre eles. Uma vez que deve haver equilíbrio nas relações de amizade e a desigualdade, afeta a proporção harmoniosa. Ele pode ser entendido como uma conversa franca entre amigos na qual se compartilha tudo.

A segunda parte *omnia communia habere*, também é um resultado da confiança só que vai além do *communicare*, pois há uma plena sintonia entre os amigos, na qual acontece de participarem de tudo em comunhão completa e ideal. Cícero já havia entendido a importância da comunhão para a amizade, mas Sêneca defende algo mais forte e completo, pois quer muito mais do que uma simples comunhão. O que Cícero entende por comunhão se pode notar no parágrafo 15 do *De Amicitia*: “... uma vez que convivi com Cipião. Com ele dividi preocupações políticas e da vida privada; ...o que constitui a essência de toda amizade; ...”. Ou no parágrafo 61: “... sendo os amigos de conduta irrepreensível, deve haver entre eles, sem nenhuma exceção, uma comunhão de ação, pensamento e vontade.” E o parágrafo 103 já no final de sua obra: “Tínhamos a mesma casa, o mesmo alimento tomado em comum; vivíamos juntos não só no exército como nas viagens e nas férias no campo”.

Então no final do parágrafo 2 da *Carta 6*, Sêneca apresenta a sua primeira investida antiepicuro, pois Sêneca busca uma amizade “...daquelas com a qual, e pela qual os homens podem morrer”⁵⁴. Sem dúvidas, é a maior exaltação de Sêneca à amizade, que, ao

⁵³ IDEM, 6, 2 - 3, p.13.

⁵⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 6, 2 - 3, p.13.

conectá-la com a morte, a transforma em um gesto de maior doação que um ser humano pode ter para com o outro, pois não existe outra atitude que possa igualar tal feito, pois não há nada mais nobre que dispor da sua vida por um amigo. Sêneca, pensa que está indo além do que Epicuro pregou, pois não achava que essa capacidade de se doar pelo amigo, oferecendo até mesmo a própria vida, fosse ensinada no Jardim. Todavia, Sêneca não entendeu Epicuro⁵⁵. É verdade que Cícero já pensava a respeito da referida atitude.⁵⁶ Contudo, se tratava de uma ideia apresentada por uma representação teatral que tinha uma função de entreter e que tal atitude retratada causava um efeito positivo no público, mas ainda assim não era uma afirmação forte de Cícero.

Já Sêneca não quer apresentar apenas um *exempla*, quer que Lucílio entenda que o verdadeiro amigo é capaz de morrer pelos amigos, o que é uma crítica a Epicuro uma vez que o Filósofo do Jardim busca a amizade para fins de utilidade⁵⁷, assim entendiam Sêneca e Cícero. Sêneca não está criticando diretamente Epicuro a Lucílio, mas critica fortemente qualquer traço de utilidade que possa servir como causadora de uma relação, pois, ao ser capaz de morrer pelo amigo, pode ser questionado que utilidade é essa na amizade senequiana na qual a pessoa dá a vida e não está reivindicando nada em troca?

⁵⁵ O não entendimento de Sêneca em relação a Epicuro se dá por uma questão que ultrapassa a rivalidade entre estoicismo e epicurismo e remonta a Roma do ano de 168 a.C. quando Paulo Emílio após triunfar na Macedônia traz como butim a biblioteca do Palácio de Pela para servir à educação de seus filhos. E um dos filhos de Paulo Emílio havia de ser adotado por Públio Cornélio Cipião, filho de Cipião-o-Africano. Este foi membro de um grupo de intelectuais muito influente que difundiu a cultura helênica em Roma conhecido como Círculo dos Cipiões. PEREIRA (2009:103) conta que mais tarde “em 155 a.C., uma embaixada ateniense vem a Roma pedir a supressão ou redução da multa de quinhentos talentos, que fora aplicada à sua cidade, por ter saqueado Oropos.” Os componentes dessa representação foram os filósofos Carnéades, da Academia que tinha orientação cética, e Diógenes Estoico. O que aconteceu foi que muitas pessoas cultas da sociedade romana ficaram admirados com os seus discursos de defesa que fez com que as referidas escolas ganhassem fama, adeptos e posteriormente seus conteúdos foram estudados em Roma. Porém, a escola de Epicuro não estava representada dentre os embaixadores atenienses. E não era por menos, pois o epicurismo era mal visto em Roma, porque havia um entendimento que a escola do Jardim pregava um afastamento da vida pública, pois a mesma era um local de pouca confiança e honestidade. Ficar afastado da política era algo muito ruim para um nobre romano. Assim, o epicurismo não lançou raízes tão profundas na Roma clássica. Logo, essa rixa entre Sêneca e Epicuro é bem menos pessoal do que aparenta ser, uma vez que durante todo o período clássico romano havia um entendimento que o epicurismo poderia ser nocivo para os jovens ao ensiná-los a se afastar da política. E essa visão negativa fez com que tanto Cícero como Sêneca não o compreendessem. Sempre entendendo erradamente que quando Epicuro falava de utilidade estivesse fazendo um cálculo mesquinho entre pessoas oportunistas que nada têm a ver com a verdadeira amizade. Na verdade a utilidade em Epicuro é espiritual, bem semelhante com a utilidade que Cícero e Sêneca pregavam.

⁵⁶ CÍCERO. *Da Amizade*, VII, 24, p.25: “Que gritos de entusiasmo suscitou há pouco, no teatro, a última peça de meu hóspede e amigo Marco Pacúvio, ao mostrar diante do rei que ignorava qual dos dois era Orestes, afirmando Pílates ser Orestes, afim de morrer em lugar do amigo,...O público se levantou para aplaudir essa ficção: que não faria então em presença da realidade?”

⁵⁷ EPICURO. Sentença Vaticana nº 23: “Toda amizade é por si mesma desejável, porém recebe sua razão de ser da necessidade de ajuda.”

Sêneca é tão reticente em relação à utilidade na amizade, não apenas por conta de Epicuro, mas também por conta da sociedade romana que se baseava quase que por completo nas relações utilitárias, como por exemplo, o clientelismo, os casamentos, as confrarias que em nada têm a ver com a nobreza da amizade.

A amizade verdadeira, nobre e ilustre é a completa comunhão espiritual e não poderia se guiar pela utilidade, interesses ou ser baseada em mesquinhos cálculos de conveniência, pois caso fosse assim seria apenas mais uma aliança visando uma utilidade que era muito mal vista por Sêneca, que chega a ser mais direto em relação a sua crítica a sociedade romana ao dizer que pode citar "... muitos que, embora tendo amigos, carecem de amizade..."⁵⁸, pois ser rodeado de clientes não é ter amigos ou ter várias alianças no senado, não quer dizer que se tenha muito amigos lá.

Somente com a plena comunhão entre amigos que se pode dar um passo adiante para poder quebrar esse laço superficial das relações utilitárias da Roma Imperial. A comunhão completa abre caminho para um relacionamento que lembra os "eros pedagógico" na Grécia Clássica, todavia a amizade em Sêneca tem a igualdade como seu elemento. E no "eros pedagógico", o homem mais velho (*erastes*) está em posição de superioridade em relação ao jovem aprendiz que buscava o saber (*erómenos*). Somado com uma forma não usual de ensino, pois não há um conteúdo fixado por uma única tradição ou até mesmo uma sistematização em relação ao ensino de Lucílio. Sêneca busca ensinar dando espaço para o diálogo, ao mesmo tempo em que não se apresenta como um detentor do conhecimento, buscando mitigar ao máximo uma possível hierarquia mestre e discípulo existente entre os dois.

O que é apresentado por Sêneca é um desejo de ensinar que lhe traz alegria⁵⁹, *gaudium*, que é outro elemento da amizade e que se destaca pelo se regozijar com o bem estar do amigo. Nas palavras de Sêneca: "Eu não desejo outra coisa senão transmitir-te toda a minha experiência: aprender dá-me sobretudo prazer porque me torna apto a ensinar!"⁶⁰ Ocorre um recolhimento de um possível amor efêbico que é considerado por Sêneca um

⁵⁸ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 6, 3, p.13.

⁵⁹ IDEM, 6, 4, p.13.

⁶⁰ IDEM, 6, 4, p.13.

“indiferente⁶¹” privado de qualquer aspecto físico e afetivo, e valoriza o aspecto educativo, guia de melhoramento ético do amigo.

O *gaudium* é totalmente desinteressado e faz com que não haja egoísmo entre os amigos. O alegramento é um elemento que essa relação que parece “eros pedagógico” entre mestre e aluno transforma-se natural na propensão a transmitir o próprio saber em um ensinamento concreto e pessoal; daí a utilização de cartas, resulta igualmente útil a quem dá e a quem recebe e ao mesmo tempo alegre. Assim, a escolha originária em relação à amizade é mais instintiva do que racional. Escolhe-se os amigos mais instintivamente do que racionalmente. Esta enobrece e o laço afetivo vem sublimado por uma vontade de aperfeiçoamento moral, pois somente o aperfeiçoamento moral pode transformar amor em amizade. Assim, o desejo amoroso torna-se vontade de ensinar que traz alegria que é buscada apenas na beleza interior, espiritual.

O mérito de Sêneca, com uma influência de Panécio, será o de recuperar o amor na amizade, após tê-lo definitivamente purificado, pois se torna em desejo de presença pelo amigo e o inserir em um contexto de uma amizade nobilitante, porque retira o elemento irracional do amor. Mas, em momento algum, o amor deve ser esquecido ou mesmo entendido como algo sempre nocivo ao homem. Antes, sim o amor faz parte do ser humano e nunca se deve querer excluir o amor de uma análise a respeito das relações humanas. Sêneca faz e quer mais que algo nobre, quer definitivamente liberar a amizade de todo sentimento irreal e impessoal, transformando-a em um sentimento muito alto, sim, mas viável na vida prática. Ele mesmo tentou fazer isso em seu relacionamento com Lucílio.

Na sequência da carta, no parágrafo 5, continua a relação discípulo-mestre na qual Sêneca diz que vai mandar livros utilizados para haver uma economia de tempo e também como forma de poupar Lucílio de ter que ter um grande trabalho de ir a procura de livros, já que não se deve esquecer que livros eram artigos raros na Roma Clássica⁶², e vai ajudar ainda mais ao assinalar o que é mais importante, então assim apresenta o seu pensamento: “Vou,

⁶¹ O que é indiferente surge da teoria estoica dos valores. E assim BRENNAN (2006: 292) a apresenta: “Só a virtude, juntamente com o que quer que nela participe, é um bem; só o vício, e o que quer que nele participe é um mal. Tudo o mais é indiferente, o que significa que não é nem benéfico nem nocivo, ou, de modo equivalente, que não exerce efeito sobre a felicidade ou a tristeza do indivíduo.” Diôgenes Laértios na passagem VII, 102 da sua obra *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres* dá exemplos de indiferentes: “a vida, a saúde, o prazer, a beleza, a força, a riqueza, a boa reputação, a nobreza de nascimento, e seus contrários: morte, a doença, o sofrimento, a feiúra, a debilidade, a pobreza, a mediocridade, o nascimento humilde e similares.”

⁶² A questão do tempo é de relevância para Sêneca, pois é tratada na sua primeira *Carta* a Lucílio e também dedica a obra *Sobre a brevidade da vida*, escrita antes das *Cartas*, inteiramente sobre o assunto do tempo.

pois, enviar-te os livros que utilizei e, para não perderes tempo à procura dos passos mais úteis, eu assiná-los-ei, de modo que encontres de imediato aqueles que me merecem aprovação e respeito”⁶³. Isso tudo porque a única condição prévia para amizade em Sêneca é o recíproco alegramento moral, que será exposto pelo próprio Sêneca na *Carta 35*. Dá continuidade apresentando o núcleo central da sua teoria da amizade a utilidade (*prodesse*), que é plenamente espiritual, pois pensa que: “Uma conversa de viva voz ser-te-á, contudo, mais útil do que por escrito”.⁶⁴ Todavia, não se trata de uma utilidade que seja facilmente encontrada ou uma utilidade obtida na relação entre patronos e clientes; ela é ativa e para se manter deve permanecer assim. Ativa no sentido de não receber e sim de dar, Sêneca se alegra ao ser útil a Lucílio e não busca a sua amizade para que possa fazer bom uso da mesma. No final do parágrafo 5, há uma defesa da prática como forma de aprendizado que terá seu auge no parágrafo 6 da *Carta 6*.

Na *Carta 6*, 6 há uma exaltação a Epicuro e a sua “sociedade de amigos”, na qual Sêneca diz que: “Não foi à escola, mas sim a convivência de Epicuro que fez de Metrodoro, de Hermarco, de Polieno, grandes homens”.⁶⁵ O que interessa para o Cordobês é a prática da ação humana e não o que se diz à respeito do vivido. Isso sem diminuir em nada a importância do discurso. O que deve haver é uma reciprocidade entre teoria e prática, sem esquecer que Sócrates também endossa o exemplo de homem que influenciou muito mais pela sua vida que pela sua doutrina.

Mesmo que tal elogio ao Filósofo do Jardim esteja estrategicamente na parte final da carta atenuando, assim, as críticas que haviam aparecido na *Carta 6*, é possível perceber que Sêneca pode até não ser um grande fã da filosofia de Epicuro, mas demonstra uma admiração pela vida que o filósofo levou e demonstra isso ao citá-lo no final da *Carta 6* como exemplo de vida aos amigos.

O exemplo da sociedade “epicureia” conduz ao cerne do terceiro elemento de relevo da *vera amicitia*, o *convictus*, a vida em comum entre os amigos. A presença do amigo é estreitamente ligada ao mútuo *prodesse*, hipótese que irá resultar na única condição para a

⁶³ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 6, 5, p.13.

⁶⁴ IDEM, 6, 5, p.13.

⁶⁵ IDEM, 6, 6, p.14.

qual o contato direto é válido e justo, graças ao exemplo de valor pedagógico e ao afeto mútuo.

A *amicitia* somente ocorre na convivência e junto com uma completa comunhão, o que faz com que haja a prática de momentos juntos. Definitivamente os amigos fazem as mais variadas coisas juntos, como: partilhar experiências ou aprender e ensinar. Para o Cordobês, a convivência reforça os laços de amizade e, até mesmo, tem uma utilidade pedagógica, como já foi dito; para ele a convivência com os mestres é mais importante que a sua doutrina, pois é vivido na prática o que deveria ser a execução da teoria.

Ao inserir traços individuais de pessoas concretas, como Sócrates e Epicuro, e não de figuras ideais como a do sábio, Sêneca quer ir além dos primeiros estoicos e tornar a sua teoria mais prática e menos irrealizável. Ao longo de toda a obra *Cartas a Lucílio*, o autor poderá estar de acordo com a teoria dos primeiros ou médios estoicos ou discordar de seus mestres. Na *Carta* 84, compara o seu trabalho ao das abelhas “... que deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel, e depois trabalham o material recolhido, distribuem-no pelos favos...”⁶⁶. Sêneca respeita todos os filósofos, mas sente a vontade de demonstrar as suas próprias ideias. E termina esta parte dando continuidade ao seu entendimento de “eros pedagógico”, exaltando os seus aspectos principais: a vontade e o recíprocidade: “... não quero a tua presença apenas para que *tu* aproveites, mas também para que *me* aproveites: ambos poderemos ser muito úteis um ao outro!”⁶⁷

O encerramento da epístola se dá com uma máxima de Hecatão⁶⁸: “Queres saber o que lucrei hoje? Comecei a ser amigo de mim próprio”.⁶⁹ E continua Sêneca: “Muito lucrou, deste modo nunca estará sozinho. Um tal amigo, fica sabendo, toda a gente pode ter!”⁷⁰ GAGLIARDI (1991) relata que Sêneca quer transformar o amigo de si (*subi amicus*), no amigo de todos (*ominibus amicus*), uma forma de não restringir a possibilidade de amizade, mas ao contrário torná-la mais ampla possível.

⁶⁶ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 84, 3, p.380.

⁶⁷ IDEM, 6, 6, p.14.

⁶⁸ Hecatão de Rodas (? a.C. -1 00 a.C.) foi aluno de Panécio e teórico da ética estoica.

⁶⁹ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 6, 7, p.14.

⁷⁰ IDEM, 6, 7, p.14.

Somente quem é amigo de si pode ser amigo de outro. Ser amigo de si próprio apresentado por GAGLIARDI (1991) como *philautia* apresenta um sentido de busca de si, terá desdobramento na *Carta 35*. Esse caminho em direção ao autoconhecimento, isto é, em relação a si mesmo, do próprio eu mais profundo, o *lógos*, que deve ser entendido neste caso como uma reapropriação da melhor parte do homem, que é a racional, possibilitando um equilíbrio de espírito.

Somente após esse processo será possível a amizade consigo mesmo e com outrem. A *philautia* não é um estado de espírito já realizado e aperfeiçoado, mas muito mais a busca da harmonia interior. Ela aparece na teoria senequiana como a serviço da *philia*. Lembrando que este estado de espírito nunca pode ser interpretado como um simples amor *sui*. Portanto, o primeiro passo para o melhoramento ético-moral do ser humano se dá pela filosofia e, através da amizade, será evitado o isolamento na qual o homem e, principalmente, o sábio estão sujeitos. O isolamento como nocivo para o homem já aparece em Cícero⁷¹. Sêneca não quer a figura de alguém isolado e egoísta, condenando quem vive para si e não para os outros, pois rejeitaria qualquer: “... bem há cuja posse não partilhada dê satisfação”.⁷² Então a amizade é uma forma de realizar o bem e reforçar a sua importância.

3.3 Carta 9 (O sábio e a amizade)

A *Carta 9* que teve a sua origem de um questionamento de Lucílio ao seu amigo Sêneca, porém, tem importância capital por tentar sanar a questão da autarquia do sábio e o seu desejo por ter amigos. O seu entendimento só ocorre ao ser colocada no itinerário do epistolário sobre a amizade.

Seu fato gerador vem de um questionamento de Lucílio: “Estás interessado em saber se Epicuro tem razão quando, numa de suas cartas, censura aqueles que afirmam que o sábio se contenta consigo mesmo e, por isso, não tem necessidade de amigos”.⁷³ Tal questionamento é, na verdade, uma das mais espinhosas aporias do estoicismo, o contraste

⁷¹ CÍCERO. *Da Amizade*, XXIII, 87, págs. 71 e 72: “Se um deus nos arrebatasse do convívio dos homens e nos instalasse em lugar solitário, fornecendo-nos ali, em abundância tudo que exige a natureza, mas privando-nos inteiramente da vista de outro ser humano, quem seria tão insensível a ponto de suportar semelhante exigência e impedir que a solidão o privasse do gozo de todos os prazeres?”

⁷² SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 6, 4, p.13.

⁷³ IDEM, 9, 1, p. 21.

entre a autarquia do sábio e a amizade, tema que surge no médio estoicismo, pois para os filósofos antigos dessa escola, a amizade era um indiferente, assim afirma GAGLIARDI (1991). O que se deve estar atento é que uma função da autarquia para Sêneca é sanar o problema da pessoa se anular na outra. Desta forma, é excluído o perigo dessa fusão, tornando ambos os amigos imunes a uma absorção de uma vontade na outra.

O filósofo começa sua argumentação, querendo fazer um deslocamento de autarquia para *apateia* ou impaciência, *impatientiam*. Aqui impaciência não pode ser entendida como uma mera ausência de paciência. O Cordobês trata da semântica em que autarquia é a absoluta autossuficiência do *sapiens*, praticamente sem deixar espaço para *philia*, para *impatientia* em que o sábio é inviolável à dor, não obstante as sente, contudo não há uma exclusão da *amicitia*, pois ele “... se contenta consigo mesmo: não que deseje, mas sim que possa prescindir de amigos”.⁷⁴

Sêneca ilustra o entendimento de autossuficiência, dando o exemplo de que o sábio está bem sem uma ou mais partes do corpo; também pode viver serenamente sem amigos, o que não quer dizer que deseja que algo de ruim lhe aconteça. O sábio senequiano tem desejo como todo ser humano. Assim, o *sapiens*, podendo escolher, preferirá ter amigos até porque tem a capacidade de facilmente fazer amizades. O *sapiens* é um “verdadeiro especialista em fazer amizades,” (*faciendarum amicitiarum artifex*)⁷⁵. Ora, se fazer amizades é algo bom, poderia se pensar que quanto mais amigos melhor. Uma postura bem anti-aristotélica, pois o estagirita pensava que verdadeiras amizades são raras, pela escassez de homens virtuosos e assim nem mesmo daria para ter muitos amigos⁷⁶. Já Sêneca deixa bem claro que o sábio rapidamente repõe a perda de um amigo. “Como é que rapidamente ele conseguirá conciliar outro amigo?”⁷⁷ A resposta define o caráter ativo do sábio e uma ação contra Epicuro que é bem clara, na *Carta* 9, 9:

Necessariamente nestas amizades o princípio e o fim estão em completo acordo: quem começou a ser amigo por conveniência, deixa de o ser também por conveniência; qualquer interesse prevalecerá contra a amizade se nela se procurar outro interesse quem não ela própria.

⁷⁴ IDEM, 9, 5, p. 22.

⁷⁵ IDEM, 9, 5, p. 22-23.

⁷⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 1156b1 25-26 e 1158a1 11-12, págs. 240 - 241 e 245.

⁷⁷ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 9, 4, p.23.

O que importa guardar é o início da amizade e seu objetivo; sendo verdadeira, tem razão de ser em si mesma. O que faz com que seja reprovado o utilitarismo da amizade no Jardim, em oposição à estoica que é plenamente desinteressada, sem fins utilitários e não exclui o amor. Para responder o questionamento e confirmar o caráter ativo do *sapiens*, Sêneca faz uso de duas citações, uma de Hecatão, “... se queres ser amado, ama!”⁷⁸ e outra de Átalo, “...tal como ao pintor dá mais prazer pintar do que terminar o quadro...”⁷⁹, isto é, dá mais prazer fazer uma nova amizade do que ter um amigo.

No caso do sábio, prescindir de amigos é diferente de necessitar de amigos. Porque como o autor das *Cartas* fala no parágrafo 16 da *Carta* 9, se o mundo viesse abaixo o sábio, como Júpiter, viveria feliz. Mas se pode escolher, ter família e amigos, seguindo a inclinação natural à vida em sociedade. O episódio de Estilbão e Demétrio Poliocertes é um exemplo de autossuficiência, que ocorre na *Carta* 9, 18-19, precede um comentário semelhante à frase de Epicuro à Estilbão. Nele, Demétrio narra que após tomar a cidade de Estilbão, que teve sua esposa e filhos assassinados, perguntou se ele havia perdido algo. E Demétrio foi surpreendido com a resposta. Estilbão disse que nada havia perdido e que todos os seus bens estavam com ele. O que além de ser um ótimo exemplo de autossuficiência também é um resumo do que é seguir verdadeiramente o estoicismo. Alguém capaz de se manter imperturbável mesmo sofrendo tal perda, se manter feliz mesmo com tão grande revés da *Fortuna*.

Em seguida, no parágrafo 20, Sêneca apresenta um pensamento de Epicuro muito semelhante ao de Estilbão: “Quem considera diminutos os seus bens mesmo quando é senhor de todo o mundo, esse homem é um indigente,”⁸⁰. Nele sublinha o aspecto afim nas duas escolas que consiste em não querer nada além do necessário, pois seria uma atitude contra a natureza e ocorrendo evitaria que o homem ficasse preso a um ciclo de consumo aonde o homem viveria insatisfeito por sempre ter que possuir mais e mais. E esse desejo de consumo nunca terminaria, pois bens materiais não são capazes de trazer felicidade, apenas são capazes de momentos fugazes de prazer. Assim seria evitado o desejo por ter bens que não seriam de utilidade alguma e faz com que haja continuidade na estratégia pedagógica. Todavia,

⁷⁸ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 9, 7, p. 23.

⁷⁹ IDEM, 9, 7, p. 23.

⁸⁰ IDEM, 9, 20, p. 27.

transparece admiração por Epicuro, que de certa forma dá um tom estranho à *Carta 9*, pois nos parágrafos de 8-11 o autor critica fortemente o Filósofo de Gargetos, para depois, já no final, admirá-lo. Claro que há ecos da filosofia aristotélica no parágrafo 9 ao falar de amizades oportunistas,⁸¹ o tipo de amizade que era a mais comum em Roma. Para GAGLIARDI (1991) Sêneca supera Cícero ao entender que o Arpinate não havia conseguido entender a amizade para além do âmbito da aristocracia romana, uma nobreza que agia unicamente visando à utilidade nas relações.

Sêneca achava que era indigno e antinatural o sábio do antigo estoicismo e não desejar a *vera amicitia*. Então, vai além de Zenão e Panécio e inova ao colocar o elemento da vontade do sábio, desta forma o torna mais humano e menos um ideal. Como atesta OLIVEIRA (2010), a vontade é o principal vetor para compreendermos a sua construção moral. Esse elemento é claramente apresentado na *Carta 9*, 12 que busca responder se a amizade deve ser desejada por si mesma, e como resposta fica evidente que sim. Então pode ascender a ela precisamente aquele homem que basta a si próprio. Autarquia e amizade não se opõem, mas se completam e somente quem é verdadeiramente autárquico pode praticar a *vera amicitia*. Em resumo, o *sapiens* é o amigo ideal e quanto maior a sua autarquia maior é o seu desejo de amigos. O que é um evidente ponto de polêmica antiepicuro, pois trata de alguém buscar a amizade de forma desinteressada. E mesmo que essa pessoa permaneça autárquico e feliz, não renuncia a escolha de procurar construir uma família. No entanto, com o objetivo de viver mais feliz, para viver de maneira mais agradável se faz necessária uma vida em sociedade, na qual está incluída fazer parte de uma família e possuir amigos. Só que esse elemento agradável é um princípio bem epicureu.

O termo prazer que aparece na citação de Átalo⁸² será usado por Sêneca como forma de humanizar o sábio, em que o mesmo terá uma qualidade bem humana como sentir prazer ao fazer amigos. Os parágrafos 5-7 são os que mais evidenciam a influência de Epicuro na filosofia de Sêneca, exatamente na ideia de fazer amigos e conciliar novos amigos. E continua até o parágrafo 7, usando expressões como *dulcior*, *iucundius*, *delectamentum*,

⁸¹ Para Aristóteles na sua *Ética a Nicômaco* 1156a1 1-13, existem três tipos de amizade: por utilidade, por prazer e pela virtude. Sêneca apenas trata da amizade que tem o seu fato gerador a virtude, pois amizades fundadas por interesse, utilidade ou prazer nem mesmo são dignas de serem tratadas uma vez que têm motivações torpes.

⁸² O filósofo Átalo costumava dizer que é mais agradável fazer do que ter um amigo, “tal como ao pintor dá mais prazer pintar do que terminar o quadro”. SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 9, 7 p. 23.

delectare, frui ao se referir a novas amizades. E também reconhece que Epicuro foi o primeiro a destacar a confiança como elemento fundamental da amizade.

Mas é claro que a controvérsia com Epicuro ganha mais destaque de forma gradativa e Sêneca em todas as epístolas sobre a amizade não deixa de querer demonstrar mesmo que sutilmente que a sua escola é melhor que a de Epicuro. A *amicitia* é sempre descrita por Sêneca como atividade diferente do antigo e médio estoicismo, determina desequilíbrios em outros elementos basilares da amizade, tais como a igualdade dos amigos e a reciprocidade do *prodesse*. A autarquia do sábio é absoluta e unilateral, tendo a necessidade de um sujeito passivo que receba a sua amizade sem dar-lhe absolutamente nada em troca, permitindo-lhe exercitar a sua virtude. Contudo, o que realmente interessa é o altruísmo e a excelência moral.

A *Carta 9* é visivelmente contraditória, pois, no final das contas, o *sapiens* opta por amigos agindo de forma egoísta e na *Carta 109* será apresentado por Sêneca um sábio que não será amigos de muitos e mesmo assim também não será qualquer um que poderá ser amigo do sábio se não seu par. Todavia, não se trata de incoerência, mas da particular situação da qual se origina a tal *Carta*. Sêneca supera suas exposições, sejam elas estoicas ou epicuristas, em defesa de seus ideais pedagógicos. Provando que a *philia* senequiana é fundada sobre o desinteresse, o mesmo que o sábio procura ao fazer amigos a ele inferior. Dessa forma, busca tornar sua amizade pura e desinteressada, pois o sábio pode viver sem amigos.

3.4 Carta 35 (Sobre a amizade entre mentes afins)

A *Carta 35* é um complemento da *Carta 6*, na qual trata da verdadeira natureza da amizade e a relação afetiva e pedagógica entre Sêneca e Lucílio.

Nos parágrafos iniciais, percebemos que, apesar de Sêneca libertar a amizade de uma origem não verdadeira e impessoal transformando-a em um sentimento muito elevado, ele quer que esse ensinamento seja transformado em ações práticas, como tentou fazer em sua relação com Lucílio. E obteve êxito em todas as cartas dedicadas ao tema.

Sêneca inicia dando continuidade à *Carta 6* e destaca a importância da *philautia*⁸³, que irá fazer com que haja igualdade moral entre ele e seu discípulo, como nos demonstra na *Carta 35, 1*:

Ao incitar-te insistentemente ao estudo da filosofia, estou trabalhando em meu proveito: é que eu pretendo ter um amigo, e não poderei consegui-lo se tu não continuares a cultivar-te como tens feito. Neste momento, tens estima por mim, mas ainda não és meu amigo. "*Que dizes? Então uma coisa não implica a outra?*" Não, são mesmo coisas muito diferentes, porque, se a amizade é sempre proveitosa, o amor pode por vezes ser nocivo.

PETERLINE (1999) entende que para Sêneca se o amigo não buscar o seu próprio aperfeiçoamento não há motivo para continuar a amizade.

O professor tem o objetivo de não deixar seu amigo-discípulo esmorecer. E continua a incentivar o *amor sui* que é um constante caminho que necessita ser atualizado. Pois se assim não fosse, como poderia haver amizade dado que a igualdade estaria comprometida?

Já no final do parágrafo 1 e início do parágrafo 2 é afrontada mais de perto a relação entre amor, amizade e aperfeiçoamento interior: "... continua a progredir pelo menos para aprender a amar." E no parágrafo 3: "Aqueles a quem amamos, quando ausentes são uma fonte de alegria para nós, se bem que ligeira evanescente. À vista, a presença, a conversa de viva voz tem algo de prazer, sobretudo se não vermos apenas quem amamos, mas ainda como queremos." Um final que exalta o *convictus*, visto que o amor transformado em amizade, faz com que se tenha desejo da presença do amigo.

O amor que se fala é um sentimento, já assimilado entre os amigos, como um afeto puro. Porém, ainda não atingindo o nível da *vera amicitia* e, deste modo, podendo tornar a amizade vítima das necessidades humanas, como pode fazer o amor não espiritualizado, "... o amor pode por vezes ser nocivo".⁸⁴, se a *vera amicitia* é necessariamente ligada ao amor, até porque os dois sentimentos tem a mesma origem, mas não significa dizer que seja necessidade o mesmo sentimento.

O amor e a amizade se põem em níveis diversos. Por exemplo, o amor pode não ser bom, mas a amizade verdadeira é sempre boa e nobre. E somente o aperfeiçoamento moral

⁸³ *Amor sui* e *philautia* são usadas como sinônimos.

⁸⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 35, 1, p.126.

pode transformar o amor em amizade, liberando-o do risco de dano, assim ensinado a amar verdadeiramente: "... continua a progredir pelo menos para aprender a amar"⁸⁵, ou seja, o relacionamento Sêneca e Lucílio não é algo instintivo e passional como o amor, mas sim racional e espiritual como a amizade. É curioso notar que, ao contrário de outros teóricos que dissertam sobre a amizade, Sêneca não entende o amor como algo nocivo ao ser humano.

O *prodesse* é abordado quando Sêneca tenta ser útil a Lucílio ao tentar fazê-lo progredir nos caminhos da filosofia, assim lhe diz: "Apressa-te, pois, enquanto podes ser-me proveitoso, não vá a tua aprendizagem redundar em benefício de outro qualquer!"⁸⁶ Ou ensinando Lucílio como ele pode verificar se houve algum avanço em relação a seus ensinamentos: "Quando quiseres verificar se fizeste algum progresso, indaga se a tua vontade de hoje é idêntica à de ontem: uma mudança de vontade é indício de que a alma anda à deriva aparecendo aqui ou ali conforme a levar o vento!"⁸⁷.

Já no parágrafo 4, retorna a *philautia* já estreitamente ligada ao amor pelo amigo, "Vem depressa até a mim, mas chega primeiro até a ti mesmo! Progride, sempre com esse máximo objetivo: obteres uma perfeita constância".⁸⁸ Sêneca deixa bem claro que há certo valor cronológico entre o processo em direção ao autodomínio e a prática da verdadeira amizade, pois a medida que se alcança um domínio de si fazer praticar a amizade se torna mais fácil, assim poder-se-á saber seus gostos, o que se pensa da vida e como se pensa a ética; caso haja diferenças nesses entendimentos, fica complicado estabelecer amizade. Sem esquecer que ela é um passo em direção à amizade, o que não significa não anular o amigo em si no próprio egoísmo e também não anular a si próprio no amigo.

O *amor sui* é uma forma de que o homem sempre busque melhorar, pois *amor sui* faz com que ocorra uma procura pelo auto-melhoramento. O *amor sui* não é um fim em si mesmo, pois isso resultaria em pessoas preocupadas consigo mesmas, sem se importar com os outros cidadãos. Outra questão em relação a *amor sui* é que, sendo a mesma uma busca e não algo perfeito, implica em dizer que não se deve haver amizade após o final da *philautia*. Esperar alcançar a *philautia* plena e realizada, isto é, o absoluto equilíbrio para praticar a

⁸⁵ IDEM, 35, 1-2, p.127.

⁸⁶ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 35, 2, p.127.

⁸⁷ IDEM, 35, 4, p.127.

⁸⁸ IDEM, 35, 4, p.127.

amizade seria esperar por uma utopia igual ao de encontrar o sábio que “... é como (esperar) a fênix que só aparece uma vez em quinhentos anos”.⁸⁹ Sêneca em momento algum esquece que está se dirigindo a *proficiens*, assim sabe que não deve esquecer que a vida humana engloba imperfeições.

3.5 Carta 48 (Sobre como as discussões triviais são indignas do filósofo)

A Carta 48, assim como a Carta 35, busca desenvolver as ideias apresentadas na Carta 6, como a comunhão entre os amigos e o *convictus*. Outra característica importante presente nesta são as críticas a Epicuro, que estão cada vez mais evidentes. No entanto, notamos algumas aparentes contradições no discurso de Sêneca: “Tanto mais ainda quanto uma coisa são os teus interesses, outras são os meus. Mas não estou eu outra vez a falar como uma epicurista?”⁹⁰ Ao analisar-mos tal questionamento, constatamos que há uma crítica ao Filósofo do Jardim.

Já o pensamento de Epicuro em relação à comunhão é: “... Epicuro não admitia a comunhão dos bens e não aceitava; portanto, a máxima de Pitágoras “Os bens dos amigos são comuns”, pois a comunhão traria desconfiança, e sem confiança não pode haver amizade”.⁹¹ Ou seja, para ele a comunhão poderia provocar uma quebra de confiança entre os amigos.

Todavia, em Sêneca a comunhão é algo que está além da confiança e, em um pensamento diametralmente oposto a Epicuro, tenta provar que os verdadeiros bens só têm valor se forem compartilhados entre os amigos. Nas palavras de Sêneca, na Carta 48, 2:

com os meus interesses coincidem com os teus; de outra forma não seria teu amigo, se não considera assim como meu tudo o que a ti diz respeito. Amizade estabelece entre nós numa comunhão total interesses ontem, nem a felicidade nem a adversidade são fenômenos individuais: vivemos para comunidade. Não é mesmo possível alguém viver feliz se apenas se preocupar consigo...

Tal posicionamento demonstra uma definitiva passagem da esfera material para a espiritual. Mais que isso, torna evidente o caráter ativo da amizade e disposição para a comunidade, comunhão, pois é somente na sociedade que o homem se efetiva como ser humano livre e capaz de ser feliz. Este final é um claro alerta para que o *proficiens* não caísse

⁸⁹ IDEM, 42, 1, p.145.

⁹⁰ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 48, 1-2, p.161.

⁹¹ DIÔGENES LAÉRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*, X, 11, p. 285.

em um egoísmo, assim é comum Sêneca reforçar essa ideia de que nunca se deve pensar de forma egoísta. Como ele mesmo destaca: “... tem que viver para os outros quem quiser viver para si mesmo”.⁹²

E continua a apresentar novos desdobramentos sobre o *convictus*. Assim é apresentado tal pensamento na *Carta 48, 3*:

A convivência, — observada com o nobre e contínuo empenho, — que nos insere como homens entre outros homens e admite a experiência de algo como um todo o gênero humano, é da maior importância para o desenvolvimento daquela convivência mais íntima — a amizade — de que eu há pouco falava. Quem tiver muito de comum com os outros homens, terá tudo em comum com o seu amigo.

Essa disposição para convivência com outros homens é mais forte que a amizade. Da aptidão para a vida em comum, por conseguinte se chega por um lado à sociedade humana, e por outro à amizade, como foi na passagem da *Carta 48, 3* que iguala natureza e virtude⁹³ como causas geradoras da *amicitia*, na estreita observância com os princípios estoicos⁹⁴, para os quais esses são unidos intimamente para uma *vita beata*.

A *Carta 95, 52 - 53* completa esse pensamento sobre a inclinação natural do homem para sociedade e por consequência para a amizade:

...nós não somos senão os membros de um vasto corpo. A natureza gerou-nos como uma só família, pois nos criou da mesma matéria e nos dará o mesmo destino; a natureza faz-nos sentir amor uns pelos outros, e aponta-nos a vida em sociedade. A natureza determinou tudo quanto é lícito e justo; pela própria lei da natureza, é mais terrível fazer o mal do que sofrê-lo: em obediência à natureza, as nossas mãos devem estar prontas a auxiliar quem delas necessite. Devemos ter gravado na alma, e sempre na ponta da língua, o verso famoso: “sou homem, tudo quanto é humano me concerne!” Possuamos tudo em comunidade, uma vez que como comunidade fomos gerados. A sociedade humana assemelha-se em tudo a um arco abobadado: As pedras que, sozinhas, caíam, sustentam-se mutuamente, e assim conseguem manter-se firmes!

Não há nenhum esboço de utilidade, de necessidade ou de se agregar por meio da carência de ajuda. Nessa concepção naturalista, da correta amizade, mas a única raiz da

⁹² SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 48, 2, p.162.

⁹³ PETERLINI (1999) reforça a ideia de que a amizade deve ter a sua origem na virtude.

⁹⁴ DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*, VII, 124, p. 209: “De acordo com os estoicos, a amizade existe somente entre os homens bons, porque estes se assemelham entre si. Definem a amizade como uma cena comunidade de tudo que interessa à vida, enquanto tratamos os amigos como nos trataríamos a nós mesmos. Afirmam que o amigo é digno de ser escolhido por seus próprios méritos, e que é um bem ter muitos amigos. Não pode subsistir a amizade entre pessoas más, e nenhum homem mau tem um amigo sequer.”

amicitia que é o amor natural e sem nenhum interesse, espontâneo e direcionado a todos, concretizado em uma sociedade interior de homens entre eles moralmente semelhantes.

Nas *Cartas* 48, 3 e 95, 52 – 53 há uma visível polêmica antiépicurista em relação à origem da amizade: para Sêneca ela tem uma gênese naturalista e para Epicuro causa na utilidade, porém isso foi um entendimento equivocado por parte do Cordobês. Sêneca pensa que a amizade surge de uma disposição natural que o homem tem para viver em sociedade, a exemplo de outros filósofos como Cícero no *Da Amizade* VIII, 26 e XXVI, 100, Platão no *Lisis* 210 ss, Sócrates de Xenofonte no *Xen. Mem.* 2, 6, 2 e Aristóteles no *Ética a Nicômaco* 1170a 13-16. No entendimento errado de Sêneca, somente Epicuro tem uma visão não muito virtuosa da origem da amizade.

O parágrafo 4 realça que a sabedoria e a estultícia seguem direções opostas. O que na figura do sábio funcionaria assim: “Para um, todo o homem é amigo; para outro, o amigo deixa de contar como homem; este procura conseguir o amigo, aquele se faz amigo de outrem...⁹⁵”.

⁹⁵ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 48, 4, p.162.

Do parágrafo 5 ao 12 da *Carta 48*⁹⁶, o autor não irá tratar do tema da amizade, visto que como se trata de uma obra epistolar não se sente obrigado a seguir uma rigorosa sequência de assuntos. E mesmo o assunto da amizade serve para comprovar a sua lógica de raciocínio, uma vez que não é tratado nas cartas seguidas, mas sim em cartas ao longo de toda a obra.

Nas *Cartas 48, 3 e 95, 52 – 53*, há uma visível polêmica antiepicurista em relação à origem da amizade: para Sêneca ela tem uma gênese naturalista e para Epicuro causa na utilidade. Sêneca pensa que a amizade surge de uma disposição natural que o homem tem para viver em sociedade, a exemplo de outros filósofos como Cícero, Platão, Sócrates e Aristóteles. Nos trechos seguintes percebemos a semelhança de pensamento entre esses pensadores sobre o tema:

⁹⁶ “Quase parece que, se não construir raciocínios cheios de subtileza e rematar com uma conclusão falsa um erro assente em premissas verdadeiras, nunca poderei distinguir o que devo evitar e o que devo fazer. Que vergonha! Já velhos, pormo-nos a brincar com um assunto tão sério! *Rato é um dissilabo; ora o rato rói o queijo; logo um dissilabo rói o queijo*. Imagina que eu sou incapaz de resolver essa questão: que perigo me sobrevém desta minha incapacidade? Que prejuízo? Se calhar tenho de acautelar-me, não vá dar com a ratoeira cheia de sílabas, ou não vá algum livro, se eu me descuidar, comer-me o queijo todo! Talvez ainda seja mais engenhoso este outro silogismo: *Rato é um dissilabo; um dissilabo não rói o queijo; logo o rato não rói o queijo*. Oh! que infantilidades! É para chegar a este estado que franzimos os sobrolhos e deixamos crescer a barbar? É isto que, de rosto severo e pálido, nós vamos ensinar? Se queres saber o que a filosofia traz de útil à humanidade, dir-te-ei: os seus preceitos. Há homens que estão às portas da morte, outros a quem a miséria atormenta, outros a quem tortura a riqueza, própria ou alheia; uns afligem-se com a má sorte, outros desejariam escapar aos excessos de bem estar; uns são detestados pelo homens, outro pelos deuses. Para quê fazer frioleiras daquelas? Não é altura de brincar: importa é ajudar os desgraçados. Prometeste prestar auxílio aos naufragos, aos cativos, aos doentes, aos miseráveis, aos condenados sobre cujo pescoço já impende o machado: porque te distrais? Que vais fazer? Este homem está cheio de medo: em vez de brincar ajuda-o a libertar-se dos seus temores. De todo o lado, todos erguem para ti as mãos, pedem qualquer auxílio para a sua vida sem rumo e sem futuro, toda a sua esperança de socorro está em ti; pedem-te que os libertes do turbilhão que os consome, que mostres a clara luz da verdade a quem anda perdido à deriva. Diz-lhes o que para a natureza é necessário e o que é supérfluo, como é fácil obedecer às suas leis, como como é agradável e sem problemas a vida daqueles que as seguem, e como, pelo contrário, é dura e complicada a vida dos que confiam mais na opinião do que na natureza...***...desde que primeiro lhes ensines que fracção dos seus males (*sc.* as disputas dialécticas) podem aliviar. Em que é que estes estudos nos livrariam dos desejos ou os moderam? Já seria bom que esses sofismas se limitassem a não servir; mas o facto é que são mesmo nocivos. Quando quiseses poderei demonstrar-te à evidência que um carácter bem dotado que se entregue a estas subtilezas fica atrofiado, debilitado. Até me causa vergonha dizer que armas ou que treinos estes mestres dão aos discípulos que desejam aprender a lutar contra a fortuna!...É por esta via que se atinge o supremo bem? É pela via destes “dado isto, ou aquilo” filosóficos, subtilezas vergonhosas e inúteis mesmo para os causídicos versados nos éditos do pretor? Quando interrogais alguém de modo a, conscientemente, fazê-lo cair em erro, o que é que na realidade fazeis senão dar a entender que ele perdeu o processo? Mas o que a uns faz o pretor, a outros faz a filosofia: restitui à posse dos seus direitos. Porque os afastais das vossas grandes promessas, das vossas solenes palavras, com que garantiéis que os meus olhos deixariam de impressionar-se com o brilho do ouro ou das armas, e que eu seria capaz de calcar aos pés, com inabalável firmeza, tudo quanto os outros desejam ou receiam? Porque desceis agora a essas minúcias de gramático? Que dizeis? *Assim se sobe aos astros?* Aquilo que a filosofia me prometeu foi tornar-me igual à divindade. Foi esse o convite que recebi. Por isso vim. Respeite-se, portanto, a palavra dada. Meu caro Lucílio, subtrai-te quanto possível a essas subtilezas, a essas argúcia dos filósofos. À boa formação do espírito convém a clareza e a simplicidade. Ainda que nos restasse muito tempo de vida, haveria que poupá-lo com cuidado, de modo que a bastar ao indispensável. Grande estultícia seria aprender inutilidades apesar de uma tão grande escassez de tempo!”

Com frequência, refletindo sobre a amizade, parece-me que a questão capital é descobrir se são a fraqueza e a necessidade que induzem o homem a procurá-la; ou a esperança de uma troca e serviços que permita a alguém obter de outrem, para depois devolver-lhe, aquilo que se julga incapaz de obter sozinho ou se isso não passa de uma simples propriedade da amizade, cuja causa reside em outra parte, mais remota, mais bela, oriunda diretamente da própria natureza. Pois o amor, que dá nome à amizade, é o primeiro impulso que conduz a benevolência. Quanto às vantagens, sucede que sejam obtidas até mesmo de pessoas para com quem simula a amizade em certas circunstâncias. Ora, na amizade não há simulação e nem fingimento algum: a amizade é tudo aquilo que é verdadeiro e voluntário.

(Cícero. *Da Amizade* VIII, 26.)

Conquistaremos a amizade de alguém, ou poderá vir alguém a amar-nos naquilo em que somos inteiramente inúteis? De forma alguma, respondeu. Sendo assim, nem teu pai, nem qualquer outra pessoa poderá ter-te afeição, se não lhes fores de alguma utilidade. Não devemos crê-lo, respondeu. Porém, se te tornares sábio, meu filho, todo mundo te terá amizade e se aproximará de ti, pois serás bom e útil. Caso contrário, nem teu pai nem tua mãe, nem nenhum dos teus familiares te terá amizade.

(Platão. *Lísis* 210.)

— Há em tudo isso, Critobulo — contestou Sócrates — diversas maneiras de encarar os fatos. Os homens têm naturalmente o sentimento da amizade. Necessitam uns dos outros, capitulam à piedade, socorrem-se mutuamente, compreendem-se e se mostram gratos.

(Sócrates de Xenofonte. *Xen. Mem.* 2, 6, 2.)

Por outro lado, se examinarmos a matéria mais fundamentalmente, nos parecerá que um amigo virtuoso é essencialmente desejável a um homem virtuoso, pois como asseveramos antes, aquilo que é essencialmente bom é bom e agradável em si mesmo ao homem vistoso. E a vida é definida no que se refere aos animais em geral pela capacidade de sensação; no caso do ser humano, pela capacidade de sensação somada ao pensamento.

(Aristóteles. *Ética a Nicômaco* 1170a 13-16.)

3.6 Carta 103 (Dos perigos de se associar com os nossos semelhantes)

A *Carta* 103 é a mais original de Sêneca em relação ao tema da amizade e, também, a mais surpreendente, pois revela um grande pessimismo dele em relação ao homem em geral. Assim, ele inicia o texto, nos parágrafos 1-2, apresentando seu pensamento em relação aos cuidados que se deve ter ao se relacionar:

Nas relações humanas, porém, o perigo é coisa de todos os dias. Deves precaver-te bem contra este perigo, deves estar sempre de olhos bem abertos: não há nenhum outro tão frequente, tão constante, tão enganador! A tempestade ameaça antes de rebentar, os edifícios estalam antes de cair por terra, o fumo anuncia o incêndio próximo: o mal causado pelo homem é súbito e disfarça-se com tanto mais cuidado quanto mais próximo está.

Em seguida, tenta melhorar a sua argumentação em relação à teoria da confiança em que prega que não se deve priorizar a aparência ao escolher alguém para se relacionar: “Fazes mal em confiar na aparência das pessoas que se te dirigem: têm rosto humano, mas instintos de feras”.⁹⁷

O curioso é constatar uma profunda descrença em relação ao ser humano, até então não demonstrada pelo autor. Que faz um alerta sobre a necessidade de nos precavermos em relação à multidão irracional⁹⁸, ou seja, devemos ficar alerta em relação à crueldade e hipocrisia do homem. Ao afirmar que: “O homem, esse, destrói o seu semelhante por prazer”⁹⁹, Senêca atinge o seu grau máximo de descrença. Um Sêneca tão descrente parece até mesmo destoar levemente de sua teoria, mas não põem em risco os seus ensinamentos.

A falta de otimismo em relação ao homem é explicada pelo momento vivido pelo Cordobês que incita descrença, pois há um colapso no programa político elaborado por ele, além de uma clara amargura pelo seu fracasso como preceptor do Imperador Nero, o que faz com que Sêneca saia da política e vá viver uma vida retirada. A *Carta* 103 deixa evidente a amargura do filósofo em relação a esses eventos. Diante de tais fatos, alguns questionamentos tornam-se praticamente inevitáveis: Quem são os verdadeiros amigos? Em quem se pode confiar?

Tal situação não foi muito diferente da época helenística, na qual viveu Epicuro, que ao perder a sua liberdade política, teve seu poder suprimido a um cidadão comum. Sujeito aos monarcas, o Filósofo do Jardim teve que abandonar a esfera pública em que viveu e retirar-se para si mesmo, refugiando-se nos novos ideais e até "descobrir" a interioridade e o individualismo.

O fim da *pólis* e, conseqüentemente, da democracia grega clássica traz uma mudança no entendimento de liberdade, antes entendida como a vida pública na *pólis*. Apesar de não existir mais a cidade-estado para se exercer a liberdade, essa não foi extinta junto com a cidade-estado da Grécia Clássica. O que ocorre é a sua mudança de local, pois a liberdade agora se encontra no interior do homem.

⁹⁷ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 103, 2, p.568.

⁹⁸ Algo que já demonstrara no *Sobre a vida feliz*, I.

⁹⁹ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 103, 2-3, p.568.

Nesta situação histórico-política, Epicuro tinha reagido com a criação de uma sociedade de amigos que ficou conhecida como Jardim - como defesa e, ao mesmo tempo, protesto contra a degeneração e a corrupção inevitável da sociedade - um pequeno círculo de amigos confiáveis. Longe de assuntos públicos, dedicou-se apenas ao prazer (*hedoné*) espiritual, em um retiro tranquilo, longe da insegurança existencial do mundo helenístico, conseguindo assim dá origem a sua percepção do que podemos chamar de leis da amizade agradável e segura.

A situação de Sêneca é muito idêntica ao que marcou o início do Período Helenístico, pois, vivendo uma vida retirada (*otio*), longe da vida de política romana, resta-lhe apenas a sua liberdade interior; e tempo para dedicar-se aos estudos e ao cultivo da sua amizade com Lucílio.

A busca por novos ideais fora da vida pública parece ser a solução mais sensata, e Sêneca os encontra na filosofia. Desanimado, desiludido e revoltado com a corrupção da sociedade, não encontra sentido em buscar uma solução para os seus problemas na praticidade da vida política defendida pelos estóicos. O que não quer dizer que devesse viver escondido, pois também pregou e divulgou através dos seus escritos, contra a degeneração e a precariedade das investidas de Nero. Este Imperador que foi capaz de matar a própria mãe Agripina Menor. Sem contar que Sêneca já havia sofrido com o exílio imposto por Calígula.

Diante de uma sociedade corrompida a solução é buscar abrigo em uma sociedade segura, ou seja, a solução encontrada na escola rival¹⁰⁰. A referida atitude será inevitável, pois Sêneca encontra-se desenganado com a vida pública e a filosofia oferece-lhe esse refúgio: “Acima de tudo, porém, refugia-te na filosofia: ela te protegerá no seu seio; neste templo sagrado, viverás seguro ou pelo menos, mais seguro.”¹⁰¹ Que abrigo seria melhor que o da filosofia? Sêneca vislumbra essa evolução espiritual e moral tanto para si, como seu amigo-aluno.

¹⁰⁰ Para GAGLIARDI (1991) não se pode afirmar que só no fim da vida que Sêneca sofreu uma “epicureização” pois mesmo antes das *Cartas* em outras obras Sêneca faz uso do pensamento de Epicuro. Exemplo na *Consolação a Políbio* que é uma de suas primeiras obras já apresenta uma influência do Filósofo do Jardim, porque no parágrafo V diz que o irmão morto de Políbio não sente mais nada pelo fato de ter morrido. O que é um clamoroso resultado das *Máximas Capitais* de Epicuro. Em específico da Máxima Capital II na qual apresenta que: “A morte nada é para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós.”

¹⁰¹ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 103, 5, p.569.

Ao convidar Lucílio a fazer parte do mesmo refúgio pelo qual optou, o Cordobês alerta que, dado às contingências da vida, não existe abrigo perfeito para o homem que não esteja sujeito aos caprichos da *Fortuna*. Tal alerta faz referência somente a questões físicas, pois nada faria um verdadeiro estoico mudar quanto à sua moral.

É um final otimista para uma carta com um tom tão amargo, tendo em vista que, apesar de tudo de ruim que o homem pode oferecer ao seu semelhante, existe um abrigo para dirimir todo o mal que pode ser causado. Um final do qual um amigo quer salvar o outro, de uma sociedade corrupta. Sêneca pode estar amargurado e abatido, de fato uma postura normal para qualquer homem, mas em nenhum momento deixa de entender que, na filosofia, encontrasse a melhor solução.

3.7 Carta 109 (Sobre a amizade entre sábios)

PETERLINE (1999) interpreta em relação a amizade entre os sábios que os homens bons não devem buscar amigos senão entre seus semelhantes. E referido pensamento norteará toda a *Carta 109*.

A *Carta 109* é o termo que afirma as convicções do autor sobre a *amicitia*. Talvez, um desejo consciente de que suas últimas palavras sobre um gesto tão belo, como a amizade, tenha um desfecho com um conteúdo tão pesado como vimos na *Carta 103*, que prega uma excessiva prudência aos relacionamentos entre amigos. Encerrar a teoria da amizade com essas ideias não seria uma boa estratégia pedagógica, pois demonstraria uma falta de fé no homem.

Já a *Carta 109*, é o anteparo da amizade perfeita entre os sábios, sem esquecer que escreve para *proficientes* (o seu objetivo não é escrever para o *sapiens*, o que seria até mesmo muita pretensão), além de quase não apresentar controvérsias epicuristas, já que o seu trabalho de conversão de Lucílio encontra-se praticamente completo.

Ao iniciar o texto, o autor já evidencia o principal assunto a ser abordado: “Estás interessado em saber se um sábio pode ser útil a outro sábio”.¹⁰² Ou seja, se duas pessoas que possuem o bem supremo (*summum bonum*), autárquicos, elas podem ser mutuamente úteis.

¹⁰² SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 1, p. 603.

O *prodesse* é o núcleo central da amizade. Esse conceito terá o seu valor testado nesta carta, pois, se a utilidade não for recíproca, não fará sentido haver amizade entre os sábios. Nesse sentido, Sêneca nos lembra de que o objetivo da amizade é a reciprocidade e somente pares são capazes de tal feito. Assim o autor afirma que: “... os homens de bem são úteis uns aos outros. A sua função é praticar a virtude e manter a sabedoria num estado de perfeito equilíbrio”.¹⁰³ Sem o amigo para poder exercer a atividade, o *sapiens* torna-se alguém isolado e egoísta; dessa forma, acaba por negar a sua condição humana que consiste em uma natural inclinação para a vida em sociedade.

“A perícia na luta só se adquire com a prática; dois músicos aproveitam melhor se estudarem em conjunto”.¹⁰⁴ Ser sábio não é ser onisciente. Todavia não é um *proficiens* ou um *stulti* que pode suprir essa carência no *sapiens*. Tem que ser um homem de bem, pois da mesma forma que os indivíduos maus só podem fazer mal entre si, “um homem de bem só pode ser útil a outro homem de bem”.¹⁰⁵ Em relação ao sábio, essa prática é a da virtude da qual nasce o alegramento que somente é igual e recíproco na verdadeira amizade. Então os amigos são estimulados em direção ao bem.

O *sapiens*, igual ao músico, também terá um melhor proveito da sua condição se formar um par para manter as suas virtudes em atividade. O exemplo dos dois músicos chama atenção para que se entenda que de fato a teoria senequiana sobre o sábio e a amizade.

Devemos lembrar que, na *Carta 9*, na relação do sábio com os seus possíveis amigos inferiores, ambos saem ganhando. Mesmo que essa *poliphilia* seja uma relação desigual. Mas, como foi dito anteriormente, a *Carta 9* não foi prevista e seu conteúdo foi elaborado em circunstâncias especiais. Já nesta *Carta*, há uma *philia* perfeita e paritária. O que nos leva a depreender que somente os sábios são capazes de um autoestímulo e, por isso, não ocorre em uma relação desigual.

Na sequência da carta, aborda a natureza do *prodesse* que é claramente espiritual. O *prodesse* realiza e estimula o bem supremo, ou seja, trata-se da mesma amizade, que individualizada na ajuda recíproca dos amigos fará com que se alcance a virtude e se

¹⁰³ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 1, p. 603.

¹⁰⁴ IDEM, 109, 2, p. 603.

¹⁰⁵ IDEM, 109, 4, p. 604.

mantenham nela. Sêneca então, na *Carta* 109, 3, 5 e 9, demonstrará como o *prodesse*, útil deve ser entre os sábios:

Em que pode um sábio ser útil a outro sábio? Pode servir-lhe de incitamento, pode sugerir-lhe oportunidades para a prática de ações virtuosas... “*De que modo?*”, perguntarás tu. Transmitir-lhe-á o seu contentamento, reforçará a sua autoconfiança;... o sábio não conseguirá manter o seu estatuto espiritual se não aceitar a companhia de alguns amigos que se lhe assemelhem e com os quais pratique em comum as suas virtudes.

A igualdade moral entre os amigos também é tratada na *Carta* 109. Ela é o elemento mais básico do *prodesse* que é condição para o verdadeiro objetivo da amizade, o recíproco aperfeiçoamento moral. No parágrafo anteriormente citado 109, 9, também serve para o entendimento da igualdade na carta. Os parágrafos 11 e 6 da *Carta* 109 servem como complemento:

... ninguém pode estimular convenientemente o espírito de um sábio senão outro sábio, tal como só um homem pode estimular racionalmente outro homem....Um sábio pode ser útil a outro sábio, e não somente graças às suas próprias forças, mas também às daquele a quem está auxiliando.

Sêneca não esquece o sábio do estoicismo de Zenão e, na *Carta* 109, 6, utiliza-o como solução para que uma vontade não seja absorvida por outra: “Claro que o primeiro, mesmo entregue apenas a si próprio, é capaz de desempenhar perfeitamente o seu papel. Todavia, embora corra com a velocidade que lhe é própria, nem por isso deixará de lhe aproveitar uma voz de incitamento”.

Mas isso em relação ao sábio não se anula em relação a sua vontade no outro, pois ele necessita do seu igual como um corpo aquecido necessita de outro para se manter assim. E porque somente um sábio pode manter o outro “aquecido”? A resposta o Cordobês nos dará definindo o que é *prodesse* na *Carta* 109, 12-13:

Costuma dizer-se que nos são úteis as pessoas que nos facultam certos bens moralmente indiferentes como dinheiro, favores, proteção e outras coisas apreciáveis ou necessárias à vida; nesse sentido, poderia dizer-se que mesmo um insensato seria capaz de ser útil ao sábio. Na realidade, seu útil consiste em estimular o espírito segundo natureza por ação da própria virtude. E isso não pode ocorrer sem algum proveito quer para o espírito do estimulado quer para o daquele que serve de estímulo, porquanto necessariamente quem põe em ação a virtude dos outros põe em ação também a sua própria.

Essa ação traz o mútuo alegramento. Mas não é qualquer *gaudium*. É alegrar-se com o progresso moral dos amigos como se nossos fossem. Esse alegramento é conforme com a natureza¹⁰⁶ e o sábio senequiano antes de tudo é ser humano.

¹⁰⁶ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, 109, 15, p. 607.

Ser um ser humano e agir conforme a natureza é mais bem demonstrado quando o sábio estabelece e mantém uma amizade verdadeira e duradoura. Sem amizade, o sábio deixa de exercer a atividade e, por conseguinte, põe em xeque o seu estatuto de sábio. A virtude é ativa e só operando permanece ativa, “Se assim não procedêssemos, a nossa própria virtude, que só pelo exercício contínuo se pode manter, acabaria por estiolar.”¹⁰⁷

Sêneca demonstrará, na *Carta* 109, 15, que mesmo o *sapiens* necessita de assistência para manter o espírito em alerta:

A virtude aconselha-nos a considerar a conjuntura presente, bem como a prever e deliberar sobre o futuro e a manter o espírito alerta: e vigoroso é mais fácil se tivermos alguém que nos assista. Para esse fim, o sábio procurará um homem já perfeito, ou pelo menos que caminhe na via da perfeição. Um homem assim perfeito será útil se contribuir para a deliberação com o exercício em comum da capacidade de juízo.

É a definitiva passagem da esfera material para espiritual, ou seja, os sábios senequiano terão amigos. Na verdade, a amizade salva o sábio, pois sem ela o sábio seria alguém sem a mínima preocupação com a sociedade, fechado em si e vivendo só para si. É difícil crer que um indivíduo que possui o bem supremo seja alguém que não consiga sequer estabelecer e manter a *vera amicitia*.

Sêneca encerrará a sua teoria da amizade no parágrafo 16, na qual diz que:

É habitual dizer-se que os homens percebem melhor dos assuntos alheios que dos próprios. Isso só acontece, porém, àqueles que estão obcecados por um excessivo amor próprio e a quem o receio perante as dificuldades rouba o discernimento da acção justa. Só se começa a discernir bem quando se está em segurança e ao abrigo dos perigos. Há certos casos, contudo em que até os sábios se apercebem melhor da situação dos outros que da sua. Além disso, um sábio em companhia de outro sábio poderá transformar em realidade a magnífica e humaníssima máxima que aconselha a “desejar e rejeitar exactamente as mesmas coisas”; assim, ambos percorrerão a mesma sublime órbita a par um do outro.

Já do parágrafo 17 ao 18 dará conselhos práticos sobre como melhor proceder no dia a dia e falará de um tratado sobre filosofia moral, que infelizmente não concluiu. Nas palavras de Sêneca o encerramento da Carta 109 nos parágrafos 17 ao 18:

Como vês, satisfiz o teu pedido, muito embora esta matéria tivesse o seu lugar próprio no livro de “Filosofia Moral” em que estou a trabalhar. Mas pensa bem naquilo que eu não canso de te dizer: estas questões só servem para aguçarmos o engenho! Acabo por voltar sempre ao mesmo: para que serve tudo isto? Eu quero é que me tornem mais forte, mais justo e mais moderado. Não tenho vagar para ginástica, ainda careço de cuidados do

¹⁰⁷ IDEM, 109, 15, p. 607.

médico! Para que pretendes tu que eu te forneça uma ciência útil? Fizeste grandes promessas; pois bem, mantém-te fiel ao que prometeste. Diziam que eu permaneceria intrépido ainda que à minha volta tudo estivesse arder, ainda que à minha volta reluzissem as espadas, ainda que a sua ponta afiada me tocasse já a garganta; diziam que eu continuaria a sentir-me em segurança ainda que à minha volta tudo estivesse a arder, ainda que um súbito furacão arrastasse o meu navio pelo mar fora: ajudem-me, então, a ser capaz de desprezar os prazeres e a glória. Mais tarde me ensinarão a desmontar sofismas, a resolver ambiguidades, a solucionar questiúnculas obscuras; por agora, ensinem-me apenas o indispensável.

Dessa forma que Sêneca encerra a sua última epístola sobre a amizade. E o seu recado final novamente reforça para Lucílio a importância de não se perder tempo. Também pode-se concluir que o próprio Sêneca dá por completo o assunto da amizade.

4. A DEFINIÇÃO DE AMIZADE EM SÊNECA

Estando aqui, amiúde nos reuniríamos; a nós nada mais separaria em nossa amizade e deleite recíprocos antes que a negra nuvem da morte nos encobrisse. (HOMERO, *Odisseia*, *Canto IV*, 175-180).

Depois de saber que o porquê de tratar da amizade em forma de cartas e no capítulo seguinte analisar as cartas que trataram da amizade em Sêneca, será compreendido o que é amizade em Sêneca e qual é o fio condutor entre as *Cartas*.

Em relação ao que foi exposto na presente dissertação, a amizade em Sêneca seria um ponto chave em sua filosofia. Mas como isso seria possível? A definição de amizade responde a esse questionamento. A amizade é uma grande virtude que é capaz de unir todas as outras virtudes. É uma definição que é influenciada por Empédocles que colocava o amor/amizade como uma força natural que uniria os quatro elementos da qual tudo se origina. A *amicitia* tem a sua origem na natureza, e isso já ocorria com as escolas gregas. O que também era uma forma de crítica a Epicuro, uma vez que há uma visão errada do Cordobês sobre a amizade epicureia que, segundo a interpretação de Sêneca, detinha a sua origem em uma utilidade oportunista. A amizade é puramente ato, isto é, ela faz com que o homem se efetive como animal político na sociedade e desenvolva não só as outras virtudes como também desenvolva qualquer outra habilidade do ser humano. O homem só é capaz de se efetivar em sociedade através da amizade, pois é ela quem garante essa efetivação. Já em relação ao sábio, a amizade também é fundamental, uma vez que um sábio sem amigos é o mesmo que ter um Deus em carne e osso entre os homens, alguém que nem mesmo é capaz de ter amigos não é capaz de ser útil. Como alguém extremamente egoísta pode ser proveitoso para sociedade? Sêneca salva o sábio ao humanizá-lo e coloca nele um desejo de ter amigos. Claro que só um sábio será verdadeiramente amigo de outro sábio. Mas mesmo assim, agora o *sapiens* tem desejo por amigos, deixando de ser alguém isolado e egoísta.

Contudo, Sêneca necessita do amigo para refletir, mas qual é a reflexão que está buscando? Ele quer refletir sobre as relações humanas, sendo a amizade um desses modos do ser humano se relacionar. Por exemplo, o que acontecia em relação ao casamento na Roma Imperial? O casamento se dava como forma de união de famílias, no grego *oikos*. “O amor

conjugal era sorte, não base do casamento nem condição do casal.”¹⁰⁸. O laço conjugal, um relacionamento em que a afetividade não era o principal, havendo sim um caráter puramente utilitário com base na questão financeira e de *status*. O pacto conjugal pode ser comparado ao laço de amizade, mas sem consequências na vida. Sêneca sequer chega a tratar da amizade na relação conjugal, sendo importante para ele tratar da amizade apenas no âmbito fora do elo familiar, pois a *vera amicitia* se dava fora do matrimônio e também fora das relações familiares. Segundo KONSTAD (2005: 104), “Amigos são diferentes de concidadãos e da família, e seus relacionamentos têm outras bases.”. Em relação à amizade, não era diferente do que ocorria nas relações matrimoniais.

O que VEYNE (2009:) diz sobre o casamento na Roma clássica:

Na Itália romana, um século antes ou depois de nossa era, 5 ou 6 milhões de homens e mulheres são livres e cidadãos; vivem em centenas de territórios rurais (*civitas*) que têm como centro uma cidade (*urbs*) com seus monumentos e casas ou *domus*. Contam-se ainda 1 ou 2 milhões de escravos, que são ou domésticos, ou trabalhadores agrícolas. Sobre seus costumes sabemos apenas que a instituição privada do casamento lhes era proibida e como tal permanecerá até o século III. Consta que essa gente vivia em estado de promiscuidade sexual, com a exceção de um punhado de escravos de confiança que administravam a casa do senhor ou que, servindo ao próprio imperador, eram os funcionários da época. Esses privilegiados tomavam por longo tempo uma concubina exclusiva ou a recebiam das mãos do senhor... o casamento romano é um ato privado, um fato que nenhum poder público deve sancionar: ninguém passa diante do equivalente a um juiz ou a um padre; é um ato não escrito (não existe contrato de casamento, mas apenas um contrato de dote...supondo que a prometida possua um dote) e até informal: nenhum gesto simbólico, por mais que se diga, era obrigatório. Em suma, o casamento era um fato privado, como entre nós o noivado.

Bem diferente do que acontece na Idade Contemporânea o casamento romano era um ato de negócio que não envolvia sentimentos carnis. E a amizade também era de certa forma uma instância política, na qual não se envolvia sentimentos ou intimidades.

Mas Sêneca queria entender a amizade para além da instância política em Roma. E apresenta como núcleo central da amizade é o *prodesse* espiritual. Este tem como pressupostos a igualdade, a comunhão e a convivência. O *prodesse* tem duas peculiaridades a atividade e a reciprocidade, e suas consequências são a confiança e a alegria. Essa alegria é uma demonstração da espiritualidade e desinteresse do *prodesse* que há alegria ao ver o amigo se desenvolvendo. Todas essas características da amizade têm um forte apelo espiritual e

¹⁰⁸ VEYNE, Paul (Org.). História da vida privada 1: do Império Romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

benefícios materiais arruinariam com a teoria senequiana. Isso é uma forma de crítica a Epicuro e uma superação à forma de como Cícero entendia a amizade. Sêneca havia compreendido que Cícero não havia entendido a amizade para além do âmbito da nobreza romana.

E relação ao questionamento de por que Sêneca utilizou o gênero epistolar para tratar da amizade? Sêneca fez uma escolha muito apropriada quando optou pelas cartas, pois pode escrever de forma mais direta e intimista, proporcionando um tom familiar a Lucílio. O Cordobês queria ser entendido e não queria dar margem para nenhuma eventual dúvida de Lucílio. O que não quer dizer pobreza na escrita ou que a escrita deva parecer displicente. Pelo contrário, as *Cartas* são primorosamente escritas sem ter uma linguagem muito simples, porém são de fácil entendimento. De certo modo, Sêneca escreve de forma cuidadosa, pois há um meio termo entre a escrita rebuscada e a escrita simples. Além disso, não há uma forma sistemática para abordar os assuntos. Isso será resolvido pelo Cordobês da seguinte forma: irá tratar do assunto quando achar conveniente. Outra justificativa pela preferência por esse tipo textual é o fato de que o ato de filosofar não se faz isolado, e ninguém melhor que o amigo para ajudar nessa ação. Como Lucílio estava distante de Sêneca, há uma opção óbvia pelo gênero epistolar.

Por fim, para responder ao questionamento sobre qual seria a ligação geral entre as cartas, podemos afirmar que as sete cartas sobre a amizade não se excluem entre si, além de possuírem mais de um fio condutor, que são Epicuro e a doutrinação estoica. Também não pode ser esquecido que não apenas nas *Cartas* sobre amizade, como toda a obra epistolar de Sêneca foi produzida em um período difícil de sua vida política, principalmente, porque sua missão de educar Nero não funcionou; como resultado, houve seu afastamento da vida pública romana. Assim, é compreensível que ele sinta certa amargura contra a sociedade da qual fez parte, além de uma descrença no ser humano de um modo geral. Presenciar traições, mortes e conluíus não seria fácil para qualquer pessoa. Sêneca não deixa de refletir a sua humanidade ao escrever e mesmo busca açambarcar o homem em sua totalidade, demonstrando um sábio que sente desejo por amigos humano, logo mais humano. Todavia, as cartas sobre a amizade querem demonstrar um caminho para viver em uma sociedade cheia de armadilhas e, acima de tudo, exprimir que há uma solução para o homem que é a amizade. Porém, seu

entendimento de amizade está imbricado com os fios condutores quem fazem das epístolas uma teoria sobre a amizade, e não cartas sem nenhuma conexão.

Na *Carta 3*, tem-se ainda a apresentação da teoria sobre a amizade falando da confiança que é uma das peculiaridades da utilidade espiritual. Saber em quem confiar era uma tarefa extremamente complicada para os romanos do período imperial. E em sua estrutura, somente os pares podem estabelecer laços de amizade, por exemplo: nobre só pode ser amigo de nobre. Só ao encontrar e avaliar uma pessoa digna de receber a alcunha de amigo deve-se confiar, o que significa ter uma total franqueza ao falar. O que seria muito arriscado em se tratando do momento em que Lucílio viveu, mas o Cordobês prefere mesmo assim que esse seja a melhor maneira de se proceder classificando-a como nobre. É aí onde se tem a deixa para falar de Epicuro, pois, na *Sentença Vaticana nº 28*, ele entende que ganhar a satisfação da amizade é válida, mesmo que seja à custa de não correr riscos. Epicuro não é lembrado diretamente, porém seu pensamento influencia o Cordobês ao começar uma amizade.

Depois de saber o que é necessário para iniciar uma amizade, a *Carta 6* apresentará quais são suas características e também como melhor proceder com o amigo. O núcleo central da amizade é a utilidade espiritual que tem como peculiaridades a atividade e a reciprocidade, e suas consequências são a confiança e a alegria. A verdadeira amizade tem como pressupostos a convivência e a comunhão. Se tudo entre os amigos é comum, nada melhor que dividir o maior bem de todos que é o saber. Essa utilidade espiritual mais adiante será usada como argumento contra Epicuro, pois houve um entendimento errado por parte de Sêneca em relação a sua teoria, em que havia entendido que Epicuro só fazia amizades por interesse. Todavia, Sêneca irá elogiar o Filósofo de Gargeto em que entende que a sua convivência foi mais importante para os seus alunos que os seus ensinamentos. Convivência que é uma das pilstras da amizade senequiana.

Na *Carta 9*, a temática do sábio será abordada por Sêneca. O que ocorre por um questionamento de Lucílio. Todavia, apesar de ter contradições, não é uma carta destoante no quesito assunto, pois aborda a amizade do sábio com outras pessoas. Lucílio já tem instruções de como iniciar uma amizade e o que dividir com o amigo; agora saberá como o sábio entra na teoria da amizade de Sêneca. Aqui Epicuro já aparece como a pessoa que instigou Lucílio em relação ao questionamento de saber se o filósofo de Gargeto estava correto ao dizer que,

por se contentar consigo mesmo, o sábio não necessitava de amigos. E aborda a diferença entre os sábios de ambas escolas. Na dos epicuristas, o sábio não sente o sofrimento; na estoica, sente, mas supera e domina o sofrimento. O sábio estoico prefere não passar por sofrimentos. Entretanto, há o pensamento comum de ambas as escolas de que o sábio se contenta consigo próprio. Sêneca está em concordância com Epicuro ao pensar que o sábio pode ficar sem amigos e ser feliz. E acrescenta a *poliphilia* ao argumentar que o sábio sequer fica muito tempo sem amigos, pois é capaz de logo as suprir com novos amigos. Também dá mais prazer para o sábio fazer novas amizades do que manter as que já têm. Se o sábio não tiver amigos será uma pessoa isolada e fechada em si mesma, preocupada apenas com o seu saber e negando a sua condição de animal político. Sendo assim, alguém fora da sua condição de ser humano. Novamente Epicuro será vítima da incompreensão do Cordobês ao contradizê-lo e afirmar que, diferentemente do que havia exposto o amigo, não é para nos ajudar no momento de necessidade, mas, ao contrário, ser ajudado quando se encontrar em apuros. A utilidade senequiana é ativa, ao que não enxergava o mesmo na teoria epicurista que achava erradamente que no Jardim se aprendia a formar amizades oportunistas e por conveniência. E como entendia que Epicuro faz amigos de forma errada, aproveita para criticá-lo, pois, em concordância com outros filósofos, há uma disposição natural do homem para amizade que não tem nada haver com a origem utilitária de Epicuro. A amizade deve ser procurada por si mesma. Lembrando que o amigo não é um bem, pois o bem supremo encontra-se dentro do homem que é a racionalidade. Mesmo não entendendo Epicuro, encerra a sua carta, definindo-o como alguém capaz de criar sentenças sublimes, e concorda com o próprio ao dizer que não são bens materiais que trazem a felicidade.

Na *Carta 35*, Sêneca descreve que Lucílio ainda não é seu amigo, porque não há igualdade entre os dois em se tratando de conhecimento. Isso é posto na teoria sobre a amizade porque a igualdade entre os amigos é o pressuposto mais primordial da verdadeira amizade. Sem igualdade não há amizade. Epicuro não é esquecido, pois o Cordobês aconselha o seu aluno a progredir nos estudos para, pelo menos, aprender a amar e o amor para Epicuro não era algo bom nem mesmo sendo divino, pois o sábio epicurista não irá se apaixonar. Para Sêneca o amor tem uma origem naturalmente comum com a amizade.

Na *Carta 48*, Sêneca já começa criticando Epicuro, dizendo que está a falar como um epicurista ao iniciar o texto dizendo que teria interesses diferentes de Lucílio. O Cordobês

entendia que os interesses dos amigos são comuns em sua totalidade e, se fosse diferente, nem mesmo seriam amigos. Todavia, exalta a convivência como importante para o desenvolvimento humano. Uma característica tão valiosa para Epicuro que vivia em uma sociedade rodeado de amigos. Na *Carta 35*, a igualdade entre os amigos é somada à amizade verdadeira, agora novamente ataca Epicuro, mas encerra glorificando a convivência que era muito querida por Epicuro.

Na *Carta 103*, Sêneca apresenta uma visão desconfiada do ser humano, reflexo do momento de sua vida longe da política romana e dedicada ao ócio. Longe da política sim, mas extremamente produtivo para toda a sociedade, escrevendo brilhantes obras de filosofia. O que de certa forma sobrepõe os seus feitos como homem público, pois, se compararmos com outros senadores, quais foram seus legados? De quantos sabemos os nomes pelos seus feitos na política romana? Voltando à *Carta 103*, o excesso de desconfiança nas relações humanas é latente, mas Sêneca opta por tentar solucionar essa questão que é a opção por se dedicar à filosofia. Solução para ele e para Lucílio. Pode ser traçado um paralelo com a vida de Epicuro, pois o mesmo não quis participar da vida pública, o que já é uma postura política, vivendo retirado com seus amigos. Agora Sêneca também vive retirado e se dedica à filosofia e ao cultivo da sua amizade com Lucílio.

Em resumo, nas *Cartas* apresentadas foram abordados os temas sobre amizade da seguinte forma: a confiança como primeiro passo da amizade, as características da amizade e o que se deve dividir com o amigo, a amizade do sábio com um não sábio, e a necessidade de prudência ao se estabelecer um vínculo de amizade.

Já na *Carta 109*, a amizade entre os sábios é abordada de maneira diferente da apresentada na *Carta 9*. Agora o sábio só pode ser amigo do seu par. Mais que isso, somente um sábio pode estimular outro sábio no caminho da virtude, também somente um sábio reconhece outro sábio. Apenas em reconhecer o seu par, o sábio já sente prazer, imagina estabelecer um laço de amizade? O sábio da *Carta 9* seria mais um mestre que uma amigo e os outros mais seguidores do que amigos, uma vez que não há uma relação de igualdade. Epicuro não aparecerá de forma direta na *Carta 109*, pois a conversão de Lucílio ao estoicismo já é considerada completa por Sêneca. Porém, o próprio Cordobês sofre uma “epicureização”, pois não deixam de admirá-lo ou tê-lo como exemplo prático como aparece na *Carta 6*. Sêneca, igual a Cícero, têm admiração pela filosofia grega como um todo e tenta

adaptá-la a Roma Clássica, pois o romano gostava que o que fosse apresentado como teoria fosse algo claro e com utilidade prática no dia a dia.

5. CONCLUSÃO

O desafio desta dissertação de mestrado foi assumir o compromisso de compreender e responder o que é a amizade em Sêneca. O que é devidamente feito no Capítulo 3 desta dissertação. E outros resultados foram alcançados como os pontos de originalidade de Sêneca em relação ao tema. Diante de tudo o que foi exposto nos capítulos anteriores podemos constatar pontos muito interessantes de originalidade por parte de Sêneca, como também uma superação no que se entende por amizade em relativo a Cícero e a sua incompreensão do que Epicuro entendia por amizade.

O primeiro e mais evidente ponto de originalidade é o da *Carta* 103, pois pela primeira vez na filosofia se encontra alguém com um enorme cuidado ao estabelecer um laço de amizade. Sêneca está querendo que Lucílio tenha muito cuidado quando for se relacionar, pois o homem geralmente não demonstra o que pensa ou mesmo o que sente. Isso pode ser algo muito perigoso, porque um indivíduo que se diz amigo pode na verdade ser uma pessoa que está tramando algo contra o “amigo”. Algo de certa forma comum na Roma Imperial.

O segundo é o que Sêneca apresenta como núcleo central da amizade e seus componentes. O *prodesse* (utilidade) é o seu núcleo principal e os seus componentes são a confiança, a comunhão entre os amigos, a convivência e a alegria. Há de ser observado que esse *prodesse* é totalmente espiritual. Por exemplo, se é amigo de alguém não porque essa pessoa pode ser útil, mas sim porque se pode ser útil a essa pessoa. A utilidade aqui é exercida e não recebida. Ela é puramente ato.

O terceiro ponto de originalidade é a forma com que Sêneca trata o sábio estoico. Isso é bem destacado ao não renegar a filantropia estoica, mas antes transformá-la em *poliphilia*, em que se tem um sábio que sente mais prazer em fazer novas amizades do que manter as amizades que já possui. Quando o sábio apenas tinha a filantropia, ele possuía um profundo amor pela humanidade, mas era um amor que de certa forma o mantinha em uma condição de superioridade. Já na *poliphilia* se tem um sábio que delibera e estabelece relações de amizades e sente prazer ao formar o referido vínculo. Todavia, somente um sábio pode dar ao sábio a verdadeira amizade. Isso ocorre porque o *prodesse* faz parte da amizade senequiana e seria ridículo pensar que um *proficiens* ou um *stultus* pudessem ser úteis ao sábio.

O quarto ponto é a superação de Sêneca em relação ao que Cícero pensava por amizade. Cícero não conseguiu enxergar a amizade para além da nobreza romana. Já Sêneca fala até mesmo de amizade para com o escravo. O que faz com que aconteça a superação no âmbito da universalidade da amizade. O Arpinate escreveu para aristocratas, já Sêneca quis alcançar amigos para além do Senado de Roma.

O quinto ponto é o de que Sêneca definitivamente não entendeu Epicuro. Isso é demonstrado ao afirmar que em todas as escolas filosóficas a amizade tem a sua origem na natureza, menos na Escola filosófica do Jardim em que a origem da amizade se dá na utilidade. Tal postura faz parte da estratégia pedagógica de Sêneca de fazer Lucílio deixar de simpatizar pelos ensinamentos de Epicuro. Mas a pior crítica a Epicuro não é dizer que a origem da amizade se dá na utilidade, e sim deturpar completamente o que o Filósofo de Gargeto entendia por utilidade. Essa utilidade que Sêneca entende ser de Epicuro é algo material e puramente motivada por interesses mesquinhos. Porém, a utilidade de Epicuro não é material, mas sim totalmente espiritual. Todavia, Sêneca sofreu uma epicureização no processo de conversão de Lucílio ao estoicismo, pois em vários pontos demonstra uma admiração pela sua forma de vida. Essa mesma era a realização da convivência, pois Epicuro vivia rodeado de amigos. E o elemento que salva o sábio senequiano do isolamento é o prazer que o sábio tem em fazer e possuir amigos. Algo bem de acordo com os ensinamentos de Epicuro de Samos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras do autor

SÊNECA, LÚCIO ANEU. **Ad Lucilium Epistulae Morales**. 2 vols. Ed. Leighton Durham Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1965.

_____. **Ad Lucilium Epistulae Morales**. Tradução de Richard Mott Gummere. Haverford: Loeb Classical Library, 1917.

_____. **Da vida retirada/Da tranquilidade da alma/Da felicidade**. Tradução Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Cartas a Lucílio**. 4º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

_____. **Consolação a Políbio**. Tradução Matheus Trevizam, Ana Araújo Grossi Ribeiro. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2007.

_____. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. **Sobre a vida feliz**. Tradução, introdução e notas de João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

_____. **Tratado sobre a clemência**. Introdução, tradução e notas Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 2013.

Obras sobre o autor

BALDINI, Massimo, org., **Amizade e Filósofos**. Tradução Antonio Angonese, Bauru: EDUSC 2000.

BESSELAAR, José Van Den. **O Progressismo de Sêneca**. São Paulo: Publicações da Faculdade de Filosofia de Assis, 1960.

BORHEIM, Gerd A.(Org.). **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo - SP: Editora Cultrix, 1999.

BRAREN, Ingeborg. **Por quê Sêneca escreveu epístolas?** São Paulo, Letras Clássicas, Número 3, 1999, p.39-44.

BRENNAN, Tad. **A vida estoíca: emoções, obrigações e destino**. São Paulo - SP: Edições Loyola, 2010.

CANTO-SPERBER, Monique (Org.). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral - Volume 01**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CASERTANO, Giovanni. **A amizade, um sentimento complexo**: Demócrito. São Paulo - SP, Revista Hypnos: da amizade, Número 22, 1º Semestre 2009, p. 1-13.

CASQUEIRO, Manuel-Antonio Marcos. **Epistolografia Romana**. Salamanca, Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea, Número 34, 1983, p.377-406.

FERACINE, Luiz. **Sêneca**: o filósofo estoico preceptor e assessor de Nero: a figura excepcional do pensamento hispano-romano de Sêneca. São Paulo: Lafonte, 2011.

FONTANIER, Jean-Michel. **Vocabulário latino da filosofia**: de Cícero a Heidegger. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2007.

GAGLIARDI, Paola. **Un legame per vivere** (Sul Concetto de amicitia nele lettere di Seneca). Potenza: Conego Editore, 1991.

GOURINAT, J.-B.; BARNES, J.(Orgs.). **Ler os estoicos**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

INWOOD, Brad. **Reading Seneca**: Stoic Philosophy at Rome. New York - United States: Oxford University Press, 2005.

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. São Paulo: Odysseus Editora 2005.

_____. **Os Estóicos**. Tradução Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

LAËRTIOS, DIÔGENES. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2º ed. Brasília: Editora da unb, 1977.

MARTIN, T.M.. **Tradução anotada e comentários da Ars Rethorica de Caio Júlio Vítor**. 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

MARTÍNEZ, Beatriz Antón. **La epistolografia romana**: Cicerón, Séneca y Plinio. Salamanca, Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea, Número 47, 1996, p.105-148.

OLIVEIRA, Luizir de. **Da amizade como exercício das virtudes**. São Paulo, Revista Hypnos: da amizade, Número 22, 1º Semestre 2009, p. 129-140.

_____. **Sêneca**, uma vida dedicada à filosofia. São Paulo: Paulus, 2010.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo - SP: Iluminuras, 2002.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**: II Volume - Cultura Romana. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PERTELINI, Ariovaldo Augusto. **Uma visão senequiana da amizade**. São Paulo, Letras Clássicas, Número 3, 1999, p.95-108.

SANGALI, José Idalgo. **O Fim último do homem**: da eudaimonia aristotélica à beatidão agostiniana. Porto Alegre - RS: Edipucrs, 1998.

SANTOS, Marcos Martinho dos. **Arte Dialógica e Epistolar segundo as Epístolas Morais a Lucílio**. São Paulo, Letras Clássicas, Número 3, 1999, p.45-93.

SOUZA, Alice Maria de. **Amizade e patronato**: Uma análise da relação de Veléio Patérculo e Marco Vinício (séc. I d.C.). Natal, Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo, Número 1, 2013, p.156-173.

SPINELLI, Miguel. **Epicuro e o tema da amizade**: a philía vinculada ao érôs da tradição e ao êthos cívico da pólis. Natal, Princípios, Número 29, 2011, p.5-35.

_____. **Epicuro e o tema da amizade (II)**: A philía referida ao êthos legislador da pólis e ao Agápê da virtude cristã. São Paulo, Revista Hypnos, Número 30, 2013, p.98-126.

ROSSETI, Lívio. **Introdução à Filosofia Antiga**: premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho. Tradução E. de G. Verçosa Filho. São Paulo - SP: Paulus, 2006.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **Amizade na Roma Imperial**: Patronos e Poetas. Maringá, V Congresso Internacional de História, 2011, p. 2587-2593.

_____. **Amizade e política em Roma**: o patronato na época imperial. Maringá, Acta Scientiarum, Número 1, 2001, p. 215-222.

VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada, 1**: do Império Romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOLF, Úrsula. **A Ética a Nicômaco de Aristóteles**. Tradução Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2010.

Outros filósofos

ARISTÓTELES, **Ética à Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 3º ed., São Paulo: Editora Edipro, 2009.

_____. **Ética à Nicômacos**. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 2001.

CÍCERO, MARCO TÚLIO. **Da amizade**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2 ed. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Da república**. Antologia de Textos/ EPICURO. Da natureza/ TITO LUCRÉCIO CARO. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apoloquintose do

divino Cláudio/ LÚCIO ANEU SÊNECA. *Meditações/MARCO AURÉLIO*; traduções e notas de Agostinho da Silva... [et al.]; estudos introdutórios de e Joyau e G.Ribbeck. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

EPICURO. **Sentenças Vaticanas**. Tradução de Nasser Kassem Hammad. Disponível em: <http://www.cinfil.com.br/arquivos/Sentencas_Vaticanas.pdf> Acesso em: 07 Nov 2013.

PLATÃO. **Lísida**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém - PA: Editora da UFPA, 2007.

_____. **O Banquete**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém - PA: EDUFPA, 2011.

_____. **Fedro**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém - PA: EDUFPA, 2011.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Vida e obra**. São Paulo - SP: Editora Nova Cultura Ltda, 1999.